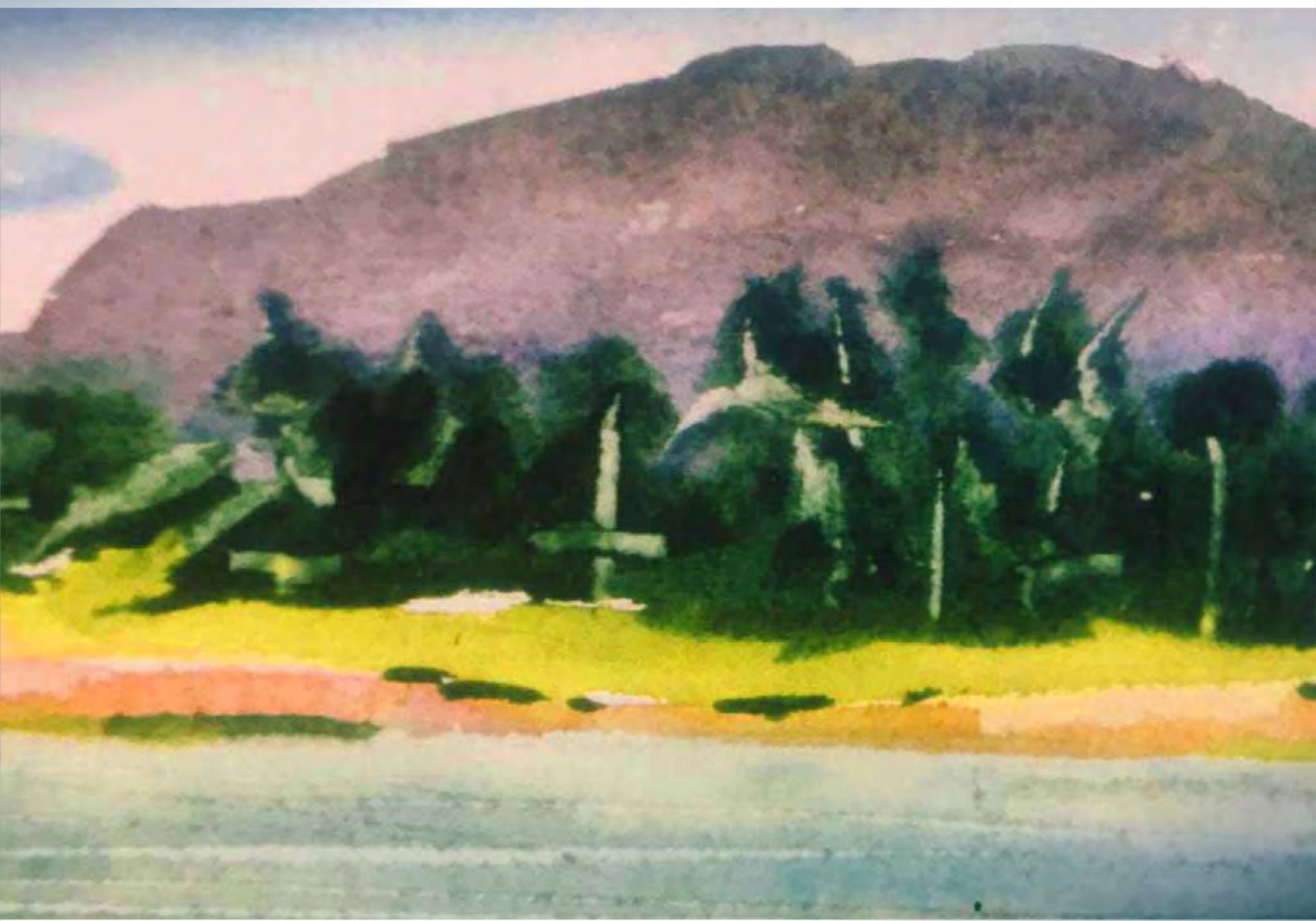


Rio e Serra

ROMANCE



Divino Arbués

Rio e Serra

ROMANCE

Divino Arbués

MT, 2021



Ilustração Capa:
Amaury Menezes

Ilustrações:
Mônica Lobo

Pintura/ilustração:
Marilene Arbués

Digitação:
Mayara Campos

Projeto Gráfico:
Brás Rubson

ARB Arbués, Divino

Rio e Serra / Divino Arbués. Barra do Garças - MT.
Edição do Autor, 2ª Edição, 2021.

153 páginas.

1. Romance brasileiro. I. Título

CDU 869.0(81)-31

Dedicatória

*D*edico este livro à minha família, principalmente à minha mãe, dona Corinta Arbués Nery, pela sua fé e pelo longo serviço prestado na assistência à saúde popular em Aragarças, Barrado Garças e Pontal do Araguaia.

Divino Arbués

Quando convidamos Divino Arbués para fazer parte Conselho de Cultura do Estado de Mato Grosso, já éramos conhecedores de sua musicalidade. Filho de mãe mato-grossense e pai baiano, avós de Goiás, Maranhão e Bahia, ele conseguiu expressar o sentimento do Araguaia onde nasceu, inclusive banhando com propriedade e beleza as margens de Mato Grosso e Goiás. Ele que um dia já soubemos ter surpreendido ao conseguir unir as atividades de professor de contabilidade e músico participante de festivais, volta hoje a nos surpreender, para nosso prazer, com este livro, expressão pura de poesia e trabalho. Que sua Barra tenha o orgulho que temos.

Professor Elismar Bezerra

O Rio, a Serra, a Serra, o Rio

*D*ivino Arbués, nascido e vivido às margens do Araguaia e à sombra da Serra Azul, musicaliza, já que é cantor e compositor, este romance, seu primeiro livro, de forma surpreendente e séria. É uma doçura viajar com os personagens Lui e Naira. E nessa viagem há que se buscar entender quem é o rio, quem é a serra. Seres humanos, de repente, se diluem no espaço azul da imaginação e da verdade da vida, quando, de forma poética, se encontram. E a fala da fala dos dois se dilui nas águas e sobe a serra, criando, ou recriando o mito do ser que precisa e depende do chão em que pisa e da água que necessita. Há, neste romance, o desafio da magia, lição de vida para quem não entende ou não sente que o humano não é só o corpo que carrega. Os personagens se fundem com a natureza e se transmutam em Rio e Serra. Arbués é mais um valor que surge na literatura do Centro-Oeste. Grande Valor. Como músico já se afirmou. Agora musicaliza um romance que é só ternura.

Professor Aldair da S. Aires

PREFÁCIO

Com a força natural do Rio e o silêncio noturno da Serra

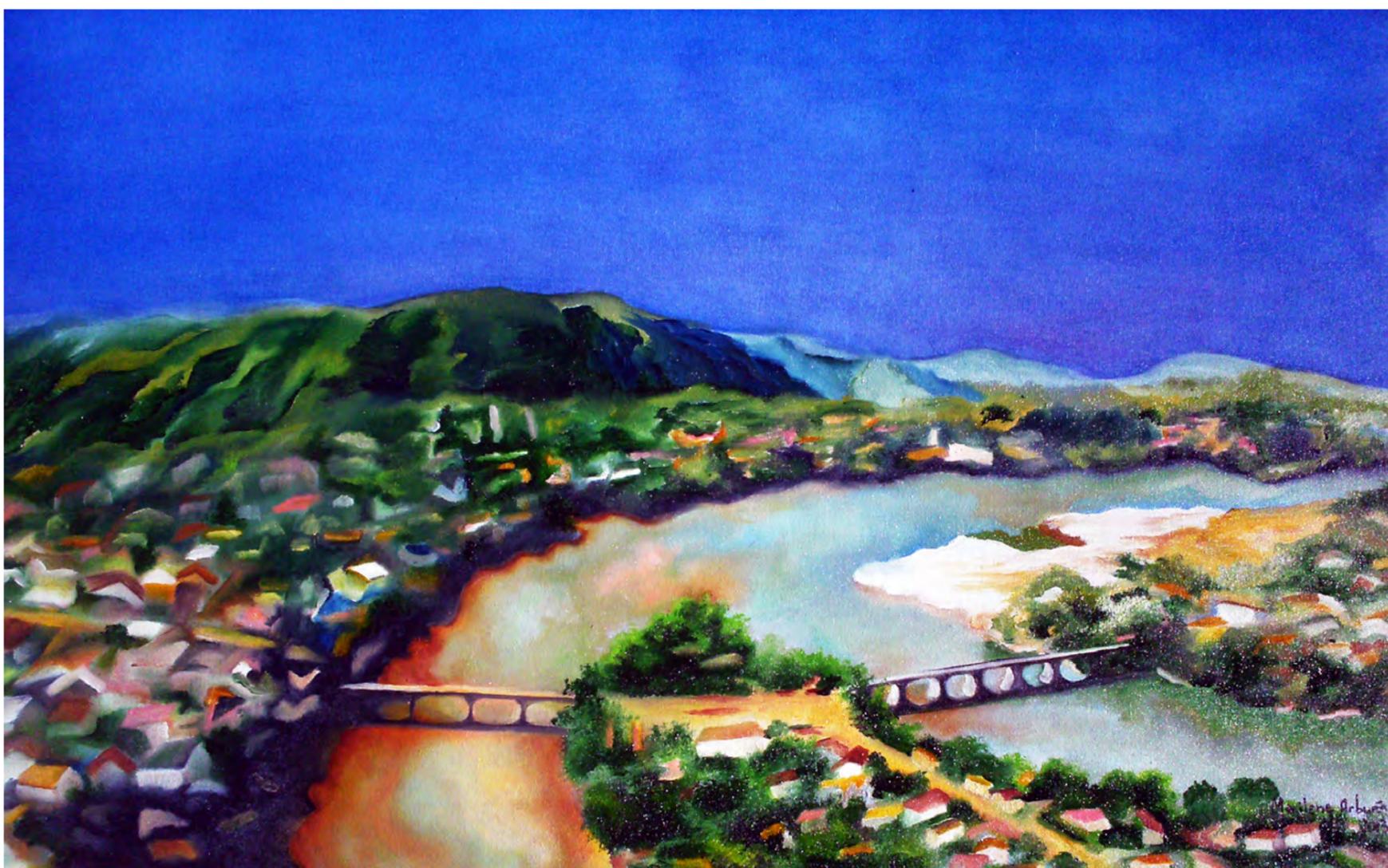
Pactual à clareza, ao singelo e à doçura das mais afáveis, sonoras águas do saber, sem se ater ao profuso, enigmático e esdrúxulo ato de narrar, Divino Arbués ergue este seu telúrico e gostoso romance *Rio e Serra*, dentro de uma fala mansa, suave como o hálito dos ventos nos recônditos das serras, nos prelúdios e meandros de uma sensibilidade própria dos grandes poetas, ou melhor, dos grandes prosadores-poetas. Forte em sua verve literária, seu moldar as coisas, os fatos, à guisa de uma naturalidade incomum, vai ele conduzindo o leitor, levando-o vagarosamente pelos caminhos de seu livro, seu rio, sua serra, seu mundo, dentro de um contexto harmonioso, ora irradiando poesia, ora construindo, fazendo valer paisagens, imagéticas concernentes à alma de quem se sabe o gosto de sal, suor, sangue, água e terra. A facilidade, a maneira com que conduz sua palavra, seu narrar, dá-nos a impressão de que aí, com toda certeza, não está erguido somente

um bom livro, uma boa estória, mas, sim, toda uma tessitura moldada às raízes do tempo, do vento e à magicidade de suas entranhas, sua natureza selvagem, esguia, inerente às mãos de um Fídias, algo assim, talvez, como os sopros oriundos do fundo natural do ser.

Neste *Rio e Serra*, com a mais absoluta confiança às forças da criação de seu autor, podemos dizer que não somente o retrato do rio, da serra, engrandece esta estória, como também, em fôlego maior, todo o desenrolar dos diálogos, dos encontros das personagens, se nos parecem profundamente arraigados de simplicidade, beleza, amor e humanismo; há em todo seu aparato linguístico, narrativo, descritivo, formal, a construção de grandes tiradas, em termos de pensamento, como, por exemplo, “A vida é o momento de Rio e Serra porque cada pessoa nasce e morre no tempo. Imagine um grande relógio no qual o ponteiro seja fixo, parado, enquanto sejam as horas que circulem à sua volta, como seu rio de menino. É esse grande relógio que você acaba fazendo quando está, como agora, parado perto do rio tal qual a serra. Um dia você vê a serra ficando atrás, parada e cada vez menor. Então você entende que quando deixar de ver a serra não existirá mais o seu relógio, pois terá entrado no tempo como um relógio sem ponteiro”. Nota-se aí uma sabedoria humanamente simples, com todos os retoques de uma sapiência oriental, lembrando, às vezes, sábios como Chuang Tzu, Tu Fu e outros. O que podemos sentir, em toda a extensão desta obra, é certamente uma atenuante, mas tocante forma de dizer, contar algo, sem que, nesse afazer, possa o leitor sentir-se cansado à leitura. Além de nos trazer uma estória gostosa de ser lida, Divino Arbués nos lega, com a placidez de rio que flui, silenciosamente, momentos de poesia, de graça e enorme beleza. Toda a obra é duma simplicidade vasta e grandiosa, sem ser inócua, menor. Sua simplicidade reside na grande simplicidade das coisas sábias, belas por natureza.

Com muita fé à origem dos rios e das serras, acredito que este livro, *Rio e Serra*, será muito bem acolhido por todos, uma vez que, assim nos parece, foi erguido com a força natural do rio e o silêncio noturno da serra, sua sombra, seu mistério e a estranha mas encantadora cantiga de seus ventos, seus costumes.

Delermundo Vieira



Marilene Arbués, rios Garças e Araguaia, pintura

CAPÍTULO I

Julho de 1981. Lui havia se formado recentemente na escola técnica de sua cidade e abrira uma pequena empresa com o amigo Tales, dentro da qual dividia com a vida os projetos para o futuro. Projetos e sonhos que também aprendera a dividir com a grandeza da natureza que ali lhe era familiar. Acostumara-se a ir à beira do rio nos fins de semana, como naquele momento. A praia estaria deserta não fosse sua própria presença, além de dois pescadores e uma lavadeira. De onde estava, ele via do outro lado do rio casas e árvores da cidade, a serra que a margeava como uma grande moldura ao fundo. Por certo, pensou, observando a mulher, uma das últimas lavadeiras com sua tábua.

Lui era moreno claro, tinha olhos castanhos que nem sempre refletiam tudo o que se passava em sua imaginação. Prestes a completar 19 anos, em seus 1,70m de altura, ele transbordava toda a simpatia e vitalidade de sua juventude. Gostava de sentar-se ali e olhar o rio, ou melhor, os rios, pois, um pouco acima, à sua esquerda, podia ver o Rio das Garças desaguando ali mesmo no Rio Araguaia, formando uma espécie de ípsilon, deixando de lado da serra a cidade de Barra do Garças, onde Lui morava, no meio, a comunidade de Pontal do Araguaia, que na época era município de Torixoréu e, finalmente, do lado da praia onde ele estava agora sentado, a cidade goiana de Aragarças. Três municípios na divisa de Goiás e Mato Grosso, que para Lui eram apenas a “Barra”, tal era a integração da natureza. Barra Goiana, do Rio, e Cuiabana ou Mato-grossense. E era ali, na praia, com

a caprichosa natureza que Lui, meio timidez, meio esperança, tentava adolecer seus sonhos e projetos enquanto tocava o violão que sempre trazia consigo. E ele preferia a quietude da praia quando queria achar no ouvido os arranjos de novas músicas.

“Ah, a música! Existiriam outras coisas tão envolventes em beleza, pulsação?”, Lui se perguntava. Vivia agora intensamente as músicas cantadas por Elis, Chico, Fagner, Milton e tantos outros que faziam mais um rico e belo momento da música popular brasileira. Parecia que uma voz dentro dele, tal a identificação, dizia: “Eu só queria ter do mato um gosto de framboesa... Amor sem pé nem cabeça, que vive dentro de nós... no sertão da minha terra, fazenda é o camarada que ao chão se deu... só uma palavra me devora...”.

E foi assim, sentado na areia da praia, nesse dia em que sozinho Lui cantava e tentava tocar com seu violão “Eu canto porque o instante existe e a minha vida está completa...” que ele ouviu uma voz que solfejava baixinho e improvisadamente os sons da música que ele cantava. Virou-se um tanto surpreso e a viu.

Olhava-o curiosamente, com olhos meio risonhos, castanhos muito claros como seus cabelos que desciam ondulados até abaixo dos ombros.

– Canta... continua...

Enquanto assim pedia, ela veio sentar-se à sua frente por sobre as próprias pernas e, entre uma e outra música que cantou, pôde ver toda sua pessoa de moça, pele bronzeada, vestido simples e solto, simplesmente graciosa naquele momento de rio e serra.

Nem soube ao certo quanto tempo ficaram ali. Foi tudo um tanto simples. Ela lhe contou que nascera e morava naquela região e sempre vinha à praia numa data de uma lua que escolhia a cada mês. Foi tudo

um tanto irreal pela sua capacidade de se expressar, que contrastava com a idade que aparentava. Falava de tudo ali como se fosse mais mãe que filha. Foi tudo um tanto mágico quando cantarolou uns versos que mais pareciam uma canção de roda ou de dormir.

Primeiro, berço de ouro
Alma
Banho real de menino
Água
Reino de Pedras de cor
Louro
Radiante nascente calma
Sino
Sonho que a vida enxágua
Amor
Beleza de logradouro
Palma
Manga nova, fruta, dor
Traz
Voo Ligeiro, já hino
Mágoa
Depois símbolo e vida
Cruz
Mistério que a pura paz
Banhe
Asa, passo para a luz
Flor
Abraço final de mãe
Ida

Quando ela terminou, Lui estava extasiado, como a procurar palavras no rio sem querer quebrar, porém, a magia daquele momento. Vez em quando perguntava alguma coisa que o ajudasse a saber mais sobre a vida dela.

E ela lhe contou que, anos atrás, a pequena Aragarças só tinha iluminação de motor gerador, que funcionava até uma certa hora da noite. Contou que as famílias da cidade eram na maioria de pais vindos do Nordeste, principalmente baianos, maranhenses, que deixaram a antiga terra natal para procurar fazer a vida nos garimpos, nos pequenos comércios e fazendas que surgiam aos poucos, ou mesmo a serviço da Fundação Brasil Central, ali instalada pelo Governo Federal para ser ponto de apoio do desenvolvimento da região.

As famílias não tinham televisão e as geladeiras eram a querosene, como os lampiões. Por isso, era de costume os grupos familiares de compadres se alternarem em visitas à noite, para contação de causos e longas conversas, enquanto os filhos, geralmente em grande número, brincavam no meio da rua em comuns algazarras ou rodas, já que os carros eram raros. Às vezes, quando a conversa dos pais passava da hora em que o motor era desligado, entretidos, eles deixavam as brincadeiras dos filhos continuarem sob a luz da lua. Ela lembrou algumas cantigas de roda, brincadeiras de anel, berlinda...

Lui também brincara de roda, mas era mais comum entre os meninos o salve-cadeia, o “comon”, o pé-na-lata...

– Uma vez – contou Lui –, o Tião, um dos meus amigos de infância, estava debruçado num poste de luz, fazendo a contagem até cinquenta, tempo dado para todo mundo se esconder dele, o pegador. Eu, não sei por que, acho que resolvi filosofar e fiquei ali mesmo, no meio-fio, a três metros do Tião, malinando displicentemente pedras e tampinhas de garrafa. Meia hora depois, quando Tião, vitorioso, flagrou o último dos meninos na tentativa de libertar os outros já cruzados, eu me levantei calmamente do meio-fio e enchi o pé, dando um sonoro bico na velha lata de Leite Mococa, gritando: – Pé na Laaata!

Lui riu consigo mesmo da lembrança e prosseguiu:

– Tião, primeiro, ficou atônito para, em seguida, ao perceber que era sério, esbravejar: – Lui, você não estava na brincadeira, você só tá caçando entica! Respondi ao Tião: – Quem que me tirou da brincadeira? Você me viu e não me cruzou porque não quis!

Palmas da molecada para a primeira polêmica, e lá se foi o Tião começar tudo outra vez. Só que ficou dois dias sem conversar comigo. Raiva do menino!

Ela riu da estória de Lui e ele comentou:

– As crianças agora têm televisão.

Ela retrucou:

– Mas estão um pouco mais presas e distantes, sem poder usufruir da magia da lua, das rodas. Afinal, o asfalto hoje está sempre cheio de carros passando. Escuta:

*Fui criado sob os olhos-prata do luar
Ouro-fogo de fogueira para se sonhar
Nas estrelas asas infindas
No fascínio das berlindas
Mágicas rodas de canto
Puro encanto de viver
Nem sei se queria tanto
Ver o interior crescer*

*Rio corre, serra fica lá no seu lugar
Gente cresce e não explica o medo de sonhar
Nas estrelas tão distantes
Nas berlindas dos instantes
Essas que transformam a noite*

*Num descanso de viver
Será que queriam tanto
Ver o interior crescer*

*Hoje a mão direita está vazia
Quem senta é a lua com seu canto
Nos olhos rola a alegria triste não tardia
Que me diz no pranto
Que haverá outra berlinda
Nas estrelas asas infindas...*

– É muito bonito, mas também um pouco triste – Lui comentou. De onde você sabe essas coisas bonitas? Você nem me falou seu nome. O meu é Lui.

– Eu me chamo Naira – ela sorriu. – E essas “coisas” são canções do Rio e da Serra. Você gostou dos versos?

– Eu gostaria até de ouvir mais.

– Então escuta

*Eu sou do Centro-Oeste de luar de praia
Canoa aflita, levo anseios sob o céu
Na veia corre o sangue e água do Araguaia
Violão peneira a vida e barra o escarcéu*

*A minha terra tem cheiro de lua cheia
Quando anoitece, natureza a escutar
Vento da serra que a estrela galanteia
Também querendo, como os rios, se abraçar*

*Plantada em mim, nos olhos, desde menino
Nascida a sol qual manhã desprotegida
Protege o passo meu no dorso do destino
Tem o meu verso no roteiro dessa vida.*

Clique e ouça a música **Raízes**



— Roteiro dessa vida – Lui repetiu, agora meio ensimesmado, olhando para a serra. Abaixando um pouco a cabeça, começou a subir o rio com o olhar, assim conseguia, por um breve momento, na visão que tinha a uns 200 metros à sua esquerda, fazer de conta que era o Araguaia que se transformava em dois rios. Sobre cada um, imediatamente à separação, cada uma das duas brancas e velhas pontes de concreto da Fundação Brasil Central. Só então ele percebeu que o sol já se pusera e que a tarde virava noite. A lavadeira e os pescadores já tinham se ido há muito e ele sequer notara.

– Preciso ir – disse ela, levantando-se e batendo a areia do vestido.

Lui imitou-a e, segurando o violão com uma das mãos, estendeu-lhe a outra. Ela a segurou com as duas e falou:

– Eu moro praquela lado – apontou com o rosto, sorrindo.

Deu-lhe um beijo e saiu caminhando na direção do fim da praia, no sentido das águas do rio. Lá, no fundo, um clarão no horizonte cinza anunciava que a lua já estava quase saindo. Lui ficou por um instante olhando-a caminhar e, mesmo quando subiu a ladeira que o levava às ruas, tinha a impressão de continuar a enxergá-la.

Minutos mais tarde, quando atravessava a primeira ponte, a lua já havia saído por inteiro.



Mônica Lobo – ilustração

CAPÍTULO II

Quase um mês se passara e, nesse tempo, Lui aprendera a admirar ainda mais a beleza daquele lugar. Não se lembrava, ao certo, da primeira imagem tida quando criança, mas devia ter visto a serra do quintal do velho casarão onde nascera. Na verdade, mesmo, Lui só foi vê-la impressionante na primeira vez em que foi ao rio com os adultos.

A serra era realmente grandona e ficava lá, sempre olhando para ele, parada, imponente, azul, apesar de suas árvores certamente serem verdes. Efeito causado pela visão à distância. O rio lhe parecera mais brincalhão, mesmo que não tão atencioso quanto a serra, pois, com um tanto de desdém, parecia nem notar sua presença. Simplesmente continuava correndo, brincando. Talvez por isso ele achara a serra mais parecida a uma mãe e o rio um tanto com jeito de irmão.

Lui sorriu consigo mesmo ao lembrar que, naquele tempo, conseguira concluir que o rio deveria ser como um grande pneu de bicicleta amassado que, embora cheio de curvas, acabava por se fechar como uma roda. Assim, ele acabara se explicando porque nunca parava de passar tanta água! Só não dera conta de se explicar porque a serra estava lá, azul, apesar de suas árvores serem verdes.

Em meio a tantos pensamentos, tantas conclusões de criança, ele seguira a tradição da região e, a conselho da mãe, engolira uma pequena piaba para aprender a nadar bem e se tornar protegido pelo rio. Somente depois desse ritual, ele entrara pela primeira vez no Araguaia, todo

criança, todo batismo. Lui agora se perguntava, lembrando aquele momento, quantos anos teria ele próprio então e quantos teria o rio...

– Lui...

A voz de Naira o trouxe de volta daquele tempo. Desta vez sentiu mais alegria que surpresa e a visão dela o deixou feliz. A pele dela parecia mais bronzeada, talvez pelos pelinhos da cor de ouro que agora ele notava mais. Nos olhos claros, algum tipo de verde insistia em se mostrar reinante, predominando belamente no contraste com os longos cabelos castanhos. Realmente ela estava ainda mais bonita.

– Oi – sorriu ele enquanto ela se sentava na areia. – Eu estava aqui tentando me lembrar de como conheci o rio, da primeira vez. Não era bem assim que Lui queria ter dito, ou só isso.

– E conseguiu?

– Na verdade eu lembrei que, naquele tempo, achei o rio parecido com um menino e a serra com uma mãezona – sorriu Lui.

– E achou bem – aprovou Naira – o rio está sempre aqui, chegando e indo embora. É um menino ou mesmo um velho cigano. A serra é como uma sentinela, uma mãe. Assim, os dois se completam aqui, como corpo e alma. A serra é corpo, concreta, sobre o chão, sempre na própria presença. O rio é mais alma, espírito, energia viajante, fugidia, buscando alguma coisa sempre. A gente pode pegar na serra, subir na serra e até mesmo fazer rolar algumas de suas pedras morro abaixo. No rio não se pega e não se sobe, pois ele nos recebe, nos molha e a água dele tirada acabará retornando a ele ou a outro rio, de alguma forma.

– Qual dos dois terá se formado primeiro? – perguntou Lui.

– Você não tem a impressão de que a serra parece que foi feita com

terra tirada do leito do rio, assim como o corpo se insinua mais novo que a alma? Porém os rios, apesar de ciganos, sempre encontrarão o mar; e o mar não deixa de ser também uma sentinela...

Lui e Naira ficaram assim, por um longo tempo, sentados, olhando o rio e a serra, calados, os quatro, ou melhor, apenas três, pois o rio emitia uma espécie de música harmoniosamente natural com suas águas passando nas pequenas pedras e areia, em sua margem.

Por fim, ela falou:

– É muito importante também se olhar para o espírito do melhor ponto de seu corpo.

– Como assim? – perguntou, ele.

– De qualquer ponto aqui de baixo, na cidade ou na praia, pode-se ver a serra, o corpo. Eu quis dizer que também se faz muito importante ir, de vez em quando, lá em cima da serra para, de lá, contemplar o rio, o espírito. Olhar a cidade, o vale. A serra tem seus bichos e o rio, seus peixes. A serra, assim como o rio, tem também suas grutas, sua magia, suas lendas e sua visão.

– Você certamente deve saber alguma música ou poesia que fale da visão da serra... e eu gostaria de ouvir – falou Lui.

E Naira cantou:

*Por que olhos miúdos, passarinho?
Se veem mais do mundo que os meus
A vida sempre alegre no teu ninho
No espaço, reluzentes, os passos teus
Tuas asas te igualam ao universo
O que há de tão profundo em teu destino?
Dás o voo aos meninos, a vida o resto
E sem idioma cantas o teu hino!*

*Abre as asas no céu
E me deixa aprender
A voar, a viver
Liberdade!
Ansiar a paz dos cumes,
A vasta visão dos cimos,
Não a solidão dos picos;
A direção dos passos
não a retidão dos rastros
por entre as flores e limos*

*Dizem que outrora, passarinho,
moraste nas cabeças dos homens
“Sabedoria um dia foi o teu nome!!!”*

Lui refletiu um certo tempo e concordou:

– É verdade. O hino dos pássaros é cantado simples e belo na natureza. Os deste lado goiano do rio cantam como os de lá da serra, já em Mato Grosso. Se acasalam e, volta e meia, saem em bandos para outras paragens.

– Por certo, assim também o são nas fronteiras dos países.

– Então os pássaros estão na visão da serra e também na do rio, pois o rio também tem suas ilhas com seus pássaros – concluiu Lui.

– Assim como a serra tem suas cachoeiras e córregos que deságuam no rio. Por isso mesmo eles se completam neste universo, como o corpo e a alma. Escuta:

*Meu coração é fruto verde dessa serra
é irmão nativo dessa serra
é uma gota desse rio*

*é a enchente e o estio
é passarinho do sertão*

*Que, na primavera,
voando solto nas queimadas
cantando alegre tanta gente
no fundo, chora de paixão*

Clique e ouça a música **Passarinho do Sertão**



– Chora de paixão? – perguntou Lui.

– Você não acha? Um pássaro pode cantar nas queimadas, mas, com certeza, não será de felicidade. Ele pode encantar pessoas, ser o deleite de uma casa cantando numa gaiola, mas, com certeza, não estará cantando o hino da alegria plena. As pessoas que têm coragem de capturar um passarinho e prendê-lo numa gaiola são dignas do despropósito de se prender alguém fisicamente perfeito a uma cadeira de rodas.

E novamente era de noite. Atravessando as pontes, Lui achava graça de si mesmo e experimentava certa leveza interior por estar se sentindo feliz apenas por causa de dois beijos que dera no rosto dela quando se despediram. E, nos dias que se seguiram, depois do trabalho, ele quase não saía de seu quarto, tentando encontrar no violão os acordes das músicas que ela cantara. E, ainda, sempre que podia, ia ao rio e à serra, olhando-os, tentando entendê-los e compor algumas letras e músicas.

CAPÍTULO III

ENaira voltou, semanas depois, desta vez em menor tempo e ainda maior beleza. Lui juraria que aqueles olhos eram da cor de folhas quase secas, quando da primeira vez que os vira. Agora, estavam cada vez mais claros, brilhantes e tinham o tom e o reflexo do que fitavam.

Ela surpreendeu Lui, chegando à praia ainda de manhã e, daquela vez, tudo aconteceria de forma diferente, como sua própria chegada. Ela o convidou para subir o rio de barco, com um velho pescador seu amigo, que iria visitar uma filha em Torixoréu.

Torixoréu era uma pequena cidade que ficava a algumas horas, rio acima, onde Lui, quando pequeno, costumava passar as férias escolares com a avó, que, naquela época, lá morava. Também por isso ele aceitou o convite com entusiasmo.

Foi deixar o violão numa casa de conhecidos, na primeira rua após a ladeira, e voltou. Logo depois, ele e Naira ouviram o motor e viram o barco chegar. Entraram um pouco no rio e subiram para dentro dele.

O pescador era um homem de uns 60 anos, pele branca mas de tez extremamente bronzeada, barba cerrada e já embranquecida. Falava com calma e não dispensava, vez em quando, o seu cigarro de palha, o que Lui deduziu pelo canivete e apetrechos que estavam à vista em uma cestinha de embira. O barco subiu o rio e tomou o rumo da ponte sobre o Araguaia, pois era às margens deste rio que ficava Torixoréu.

Como se explicava a magia das conversas, causos, conceitos e sofreres

que surgiam da boca do velho pescador enquanto viajavam? Palavras bonitas, perdidas no tempo ou no vento, como mais parece quando se fala dentro de um barco em movimento. E mais de uma hora depois, após acionar de novo o motor que fora desligado para comerem uma oportuna farofa que ele trouxera como matula, o pescador baldeava a sua inesgotável fonte do bom falar. E tudo foi belo nas suas palavras, angústias e velhice. Lui pôde sentir o quanto de vida tinham ele e Naira pela frente, ali, junto àquele velho homem que até com um pouco de humor tratava os infortúnios, cujo maior patrimônio certamente seriam aquele barco e seu motor.

Chegaram a Torixoréu e, conseqüentemente, a Baliza, algumas horas mais velhos. O mesmo tanto em que lá o rio era mais moço. Lá também o rio dividia os Estados. Do lado de Mato Grosso, Torixoréu, aonde Lui ouvira os primeiros acordes de violão, as primeiras serenatas para avós, mães e moças. Respirou saudades das noites em Torixoréu que, mais tempo atrás, fora chamada de “Balizinha”. Agora Torixoréu estava maior.

Do lado de Goiás ficava Baliza. Baliza quase não crescera, como a respeitar seu imponente passado de garimpo-mãe da região. As ladeiras, a praça, a igreja, as casas com suas calçadas altas e suas muitas portas e janelas, às vezes comungando parede com parede.

O pescador lhes ensinou a casa da filha e para lá subiu após proteger o barco, deixando-os de lado de Torixoréu. No rio que banha os dois lados tudo se mistura numa vida só. Não se sabe se a lavadeira que está desse lado nasceu cá ou lá, pois as águas e tradições se confundem.

Ali o rio era diferente, pois tinha, em seu leito e margens, grandes pedreiras, que às vezes se agrupavam, fazendo pequenos caminhos ou trampolins para mergulhos. Lui e Naira ficaram sentados numa das grandes pedras, olhando a paisagem, as lavadeiras e alguma canoa

que vez em quando trazia ou levava alguém de um lado para o outro.
E foi ali, sentados na pedra, que ouviram o canto de um canoeiro:

*Passado perto e distante
Chegano de longe eu encontrei Maria
que de tão pura e meiga
tomou-me a noite e envolveu-me em seu dia
... Ah o dia em que eu a beijei
... Ah só eu sei
E descobri em verdade
Verdades que nunca havia conhecido
O Araguaia cantano, eu sorrino, ela rino
todos por amor
... Ah amor, quanto feliz me fez
... Ah só eu sei!*

*Tudo, contudo eu daria
pra não ver o dia em que o irmão morreu
e seu pai bebena, a mãe enlouquecena
Maria a dor conheceu
E com ela o Araguaia chorou
no peito meu!*

*Num sacrifício maior
pra conforto dos pais a um rico se deu
e no desconsolo um dia
o Araguaia subiu e Maria desceu
...descendente de nosso amor
só uma flor que eu colhi:
A beleza de sentar,
A verdade de sentir*

*e ficar olhano pro céu
viveno mil sonhos no céu
um sonho que também foi seu
Maria, meu sonho, meu céu,
Maria, meu sonho, meu céu*

*Oia a cabana
Oia acabano
O Araguaia cantano e eu... sofreno,
Oia a cabana
Oia acabano
O Araguaia correno e eu... chorano,
Oia a cabana
Oia acabano
O Araguaia ficano e eu... morreno!!!*

- Esse canoeiro deve ser nativo da região – comentou Lui.
- Por que você acha isso? – perguntou ela.
- Você reparou no sotaque? Ele, entre outros detalhes, fala ‘acabano’ ao invés de acabando, ‘morreno’ ao invés de morrendo. Eu também geralmente não pronuncio o “d”. Além do mais, a música falava do Araguaia.
- As músicas nativas são sempre um pequeno retrato das riquezas, história, virtudes e injustiças de cada região. Elas nos permitem entender os reflexos desta história na geração daquela época e nas gerações seguintes. São raízes inseparáveis de toda a região. Veja bem que a música que o canoeiro cantou fala das bebidas, da riqueza, dos senhores e da pobreza que fizeram este lugar. Para se entender ainda mais a história daqui, torna-se necessário conhecer o garimpo. Você já esteve lá?

– Ainda não. Eu era muito pequeno quando estive aqui – respondeu Lui.

Lui quis conhecer o garimpo de Baliza. Atravessaram o rio com o canoeiro e depois subiram a ladeira, a pé. E assim continuaram, pois o lugar era praticamente dentro da cidade. Como descrever o garimpo? Era talvez como um imenso salão sem teto, uma grande galeria que se alojava aos poucos na terra, formando um pequeno vale. Dentro dele, um córrego de águas límpidas num terreno com milhares de pequenas pedras arredondadas e das mais diversas cores e interessantes formatos. Dos lados, nas bases das encostas, as pequenas pedras mantinham presas, sob elas mesmas, pequenas colunas de terra que obedeciam seus formatos enquanto tomavam a aparência de incontáveis estalagmites em miniatura, da altura de um dedo da mão. Tudo ali tinha um mistério como que a unir o passado e o presente. Não era difícil assim, mesmo de olhos abertos, se imaginar os garimpeiros, suas peneiras...

Do garimpo partia uma fenda admiravelmente estreita com vários metros de profundidade, que os garimpeiros cavaram com picaretas na rocha pura, para o escoamento da água na lavagem do cascalho. Quem até hoje vê a fenda em Baliza fica impressionado, pois em sua largura mal cabem as costas de um homem.

Quantos homens estiveram naquele lugar, depois de viajar a pé ou em jumentos tantas léguas, saindo do Nordeste para tentar a sorte de riqueza numa pedra? Uns conseguiram, outros não. Na verdade, vieram buscar diamantes, frutos da terra, e a maioria se casou ali mesmo na região. Viraram como árvores junto ao tempo e, no fim, foram eles mesmos os fazedores de outros frutos.

Diamantes de Baliza. A vila, a procura, as festas, as bebidas, os ternos de linho, as peneiras, os amantes. Dava para se sentir o odor de tudo

isso no ar daquele velho garimpo.

Voltaram à noitinha para Torixoréu, atravessando o rio com o mesmo canoeiro. Subiram a rua principal, que nascia da ladeira do rio. No meio da rua, os postes de madeira: dos lados, junto às casas, muitas mangueiras e outras árvores frutíferas lembravam a Lui boas férias que lá passara.

Foram dormir na casa rústica da filha do velho pescador, casa pobre, mas bem asseada. Ela era simpática e parecia ser muito trabalhadora, pois, apesar da conversa agradável, deixava transparecer um certo ar de cansaço. Tinha um casal de crianças que já colocara para dormir e ela própria se recolher por volta das dez horas. Naira deitou-se mais cedo, enquanto Lui conseguiu um lápis e papel e escreveu durante um bom tempo, junto à lamparina, antes de deitar-se.

Ainda era escuro quando o velho pescador os acordou. Comeram petas, como lá eram chamados os biscoitos caseiros que foram servidos com chá de erva-cidreira que a filha dele preparara. Despediram-se e desceram para o rio. Motor ligado, deram início ao retorno, descendo o Araguaia.

Clique e ouça a música **Descendo o Araguaia**



Da água do rio saíam vapores e também das palavras faladas, enquanto Torixoréu e Baliza ficavam para trás. Ainda na pouca luz do dia, Lui mostrou para Naira aquilo que guardara do que tinha escrito à noite.

*Será que herdamos sonhos
Dos amantes de Baliza?
Estrelas plantadas no chão agreste
Florescem, colhidas ou não
Colhidas, foram presentes de amantes*

Diamantes de Baliza
Sementes da terra, luta da vida
Torixoréu coração

Se o coração que nos pulsa por dentro
É coerente ou não
Trouxemos o grande sonho de amantes
No beijo e na paixão
Se o sangue dos garimpeiros
Foi sonho e ilusão
Colheram diamantes pra amantes
Plantaram na região
Crianças pelos terreiros
Os beijos no chão do sertão
Deixaram pelas peneiras sementes
Em forma de geração

Se o sonho dos cantadores
É garimpar a paixão
Que colham diamantes pra amadas
Pro resto da vida ou não
Será que herdei o sonho,
Diamante de Baliza?
Estrela plantada no chão agreste
Que está lá pra ser colhida

Clique e ouça a música **Diamantes**



Ela ouviu, nada falou, mas, com um sorriso quase amanhecendo em seus lábios, recostou a cabeça no ombro esquerdo de Lui. Por sua vez, ele a abraçou como para protegê-la de alguns respingos da água que de vez em quando eram provocados por alguma manobra do barco.

Ele sentiu, entretanto, que aquele gesto lhe provocou maior efeito que quaisquer palavras, pois sentia que seu coração batia bem mais forte com sua proximidade.

Com o barulho do motor, o velho pescador lhes perguntou alguma coisa que não foi possível entender.

– Senhor? – Lui perguntou falando mais alto, quase gritando.

Diminuindo um pouco a velocidade do barco, o pescador repetiu:

– Você conhece de peixes?

– Um pouco – Lui respondeu. – Eu conheço pacu, caranha, pintado, papa-terra, matrinxã, piau, boto...

– Já tivemos bem mais peixes nesse rio – lamentou o velho pescador. E passou a contar estórias de cardumes, pescarias e algumas das muitas lendas sobre o boto. – Machucar o boto dá cubu, pois o boto é meio peixe, meio gente.

Lui sabia que também por isso o boto ainda existia e, de vez em quando, era possível ver alguns botos esturrando e brincando nas imediações das pontes.

E mais uma vez, enquanto ouvia as estórias, ele vira o sol sair sobre o rio. Primeiro, as cores pouco a pouco mais vivas, amarelo, dourado, laranja, os longos e brilhantes reflexos no rio; depois, o próprio sol, tudo isto contrastando com o céu, que, de cinza, se transformava em azul. Existem certos momentos da natureza que são tão ricos que as palavras nem sempre traduzem. É preciso vivê-los, estar lá na hora e no local. E, sem dúvida, Naira sabia disso, pois, durante quase todo o tempo, se limitara a ouvi-los enquanto vivia o nascer do sol e, depois disso, passara a ter seus olhos quase que só para as águas e as margens do rio.

Muito tempo depois surgiu a ponte do Araguaia, com seus grandes pilares de concreto. Todas as vezes que Lui retornava à sua terra, fazia de conta que era um estranho que ali chegava pela primeira vez. Assim, quase sempre percebia novas belezas no rio e na serra.

Passaram no vão dos pilares, sob a ponte do Araguaia, passaram na recepção das águas do Rio das Garças e, mais adiante, onde a cor das águas ainda era diferente, o pescador os deixou na praia, no mesmo lugar em que haviam embarcado no dia anterior. Despediram-se, agradecidos.

Saíram caminhando em silêncio, olhando o pescador que se afastava em seu barco. Naira puxou-o pela mão e entraram na água, enquanto o pescador fazia uma manobra com o barco, retornando no meio do rio, na altura onde eles estavam, para, em seguida, retomar seu destino, afastando-se, rio abaixo. O pescador já ia longe quando chegaram até a eles as pequenas ondas que ele provocara com o barco. Sim, realmente existem palavras no rio, pensou Lui, lembrando que já havia se perguntado isso.

Quando as águas voltaram a seu movimento normal, os dois foram se deitar na areia, pertinho da água, donde se podiam ver vários coqueiros, que, curiosamente, formavam uma espécie de fileira no outro lado do rio.

Depois de um longo tempo, Naira cantou com voz baixa:

*“O meu silêncio
é a sala dos meus pensamentos
é a tela desenhada ao vento
pelo vento leve a desenhar
os sentimentos*

*que transformam o físico momento
que transcendem a vida em movimento
deixam a natureza penetrar
o imóvel corpo
cuja mente já voa no tempo
do segredo milenar e o rosto
fecha os olhos para enxergar!”*

Lui percebeu que ela estava também observando o silêncio dele e falou:

– Eu estava pensando no velho pescador e nas pessoas que, como ele, fizeram esta região. Pescadores, garimpeiros, lavradores, vaqueiros... em torno do trabalho deles nasceram os comércios... e, mais adiante, a emancipação das cidades, os impostos...

– Alguns desses homens ficaram ricos à custa de muito trabalho, ou mesmo por sua sorte na vida. Outros não conseguiram, mas isso não os desmerece como pioneiros da região pela qual trabalharam. A questão é que, se antes tudo correu dentro do que se pode chamar de normalidade para o desenvolvimento de uma região nova, hoje já se pode sentir a atenção de alguns políticos pendendo mais para sua vaidade pessoal que propriamente para a condução do povo com justiça. Lançam mão de impostos e empréstimos para fazer obras que trazem o progresso, mas se esquecem de dar ao povo, por igual, coisas essenciais como escolaridade suficiente, para que possam conviver com o progresso que essas obras provocam. Afinal, não é do trabalho do povo que saem os impostos e sairá o pagamento destes empréstimos?

Lui deteve-se, pensativo, para, em seguida, continuar:

– É fácil de se perceber que, na pobreza em que vivem, os netos do pescador não terão educação escolar, ou pela falta de escolas, ou por serem preteridos, ou por terem de trabalhar ajudando o sustento dos

pais, ou mesmo pelo distanciamento e desinformação social que a pobreza traz. E quantas outras crianças estão nessa situação, sendo que, mesmo lhes estando sendo negado o direito à educação, na terra que seus avós ajudaram a construir, se de alguma forma vencerem na vida, estarão pagando impostos, que pagarão estes empréstimos! O que terá que ser inventado, quando, daqui a alguns anos, estas obras precisarem de reformas, enquanto a maioria do povo estará formando um cinturão de miséria sem escolaridade? Há que se concordar com a riqueza vinda do trabalho e a pobreza vinda da preguiça, mas não se pode entender a falta de oportunidades e a pobreza imposta. Não é possível se concordar com a ideia de mundo de alguns políticos que lembram o progresso e esquecem a justiça.

Para surpresa dele, notou que Naira o olhava com meiguice e sorria. Ela falou:

– Sendo a serra como o corpo e o rio, o espírito, eles se completam aqui, porque a vida é o momento de Rio e Serra. Cada um deles, porém, tem suas próprias visões e elas se completam no momento da vida. A serra tem visões soberbas, mas que, entretanto, estarão limitadas ao seu universo visual, visto ser ela concreta, parada em sua própria presença. As visões do rio vão além deste horizonte, pois ele, mesmo estando aqui neste momento, pode conseguir ver desde a sua pequena nascente até a grandiosidade do mar onde deságua, pois, apesar de estar aqui também, está lá, na sua natureza de rio.

E prosseguiu:

– Você adentrou a visão do rio porque conseguiu ver essa região e seus pioneiros, numa época em que sequer você havia nascido, e, por outro lado, também, conseguiu vê-la no futuro, através dos netos do velho pescador, apesar de haver conhecido apenas ele e sua filha.

– Você disse que a vida é o momento de rio e serra... – falou Lui.

– A vida é o momento de Rio e Serra, porque cada pessoa nasce e morre no tempo. Imagine um grande relógio no qual o ponteiro seja fixo, parado, enquanto sejam as horas que circulem à sua volta, como seu rio de menino. É esse grande relógio que você acaba fazendo quando está, como agora, parado perto do rio, tal qual a serra. Você ou a serra se torna um ponteiro que marca as horas passando com as águas do rio. Imagine que um dia você é levado pelo rio e, enquanto segue com as águas, vê a serra ficando para trás, parada e cada vez menor, como se o ponteiro ficasse para trás.. Então você entende que, quando deixar de ver a serra, não existirá mais o seu relógio, pois terá entrado no tempo do rio, que é o próprio tempo, como um relógio sem ponteiro. Aí compreenderá que a vida era o momento de rio e serra e que você era os dois. A própria serra, porque estava lá, e o próprio rio, porque estava lá e está aqui, onde só se vê pelos olhos do rio.

Lui observou:

– Nas suas palavras, ser levado pelo rio seria morrer, pelo que entendi... e eu devo confessar que tenho um certo medo quando penso nesse assunto, de morrer...

– Por acaso, você não viajava como rio antes de nascer? E, com certeza, você não tem medo do tempo em que não era nascido. Não se deve temer a morte, mas, sim, temer estar morto na hora da vida. Assim sendo, estamos falando é de vida e, por isso, na hora da vida é preciso cuidar da serra e do rio.

– As pessoas – prosseguiu ela – que têm o poder para fazer o progresso com justiça, e pensam só no progresso, estão concentradas mais na visão da serra e têm dois caminhos. Mesmo que olhem só para a serra, se continuarem estudiosos e preservarem sua humildade interior perceberão que, sem a chuva que vem dos rios, a serra perderá suas plantas e, sem elas, os seus bichos e, sem estes, sua lendas, virando

apenas uma montanha rochosa. Percebendo isto, essas pessoas irão adquirindo a visão do rio e aprenderão a justiça nas chuvas. Se, porém, essas pessoas se tornarem vaidosas no seu interior, insistirão na imponentia da montanha e acreditarão que ela estará crescendo, mesmo que, na verdade, seja a vida à sua volta que esteja diminuindo. Todavia, é preciso lembrar que em todos os campos existem boas e más pessoas. E, ainda, levar em conta que existem pessoas boas, mas profissionalmente fracas, que, dentro da sua cultura, acreditam que estejam fazendo o melhor para o povo e para a terra. Por isso às vezes, até que as dúvidas sejam resolvidas, o melhor a se fazer é cuidar do rio e da serra, pois a natureza sabe dar as suas respostas. Água e frutos, quando é cuidada, e ninguém vive sem eles. Enchentes e secas, quando é agredida.

– Na verdade – disse Lui –, sei reconhecer e admirar a liderança e o trabalho de todas as pessoas, ou pelo menos procuro fazer isto. No entanto, não posso deixar de ver que alguns, em sua vaidade e avareza, não hesitam em prejudicar a maioria. Assim, não se pode deixar de imaginar que algum político tem consciência, com certeza, de que nem sempre faz o que poderia ser feito de melhor, tendo o poder de prejudicar um povo inteiro, atrasando o progresso pessoal. E não posso evitar essa visão, desde que minha formação fala de Deus e igualdade. Nesse conceito de igualdade, certamente as pessoas más deveriam merecer castigo.

Naira levantou-se e puxou Lui para dentro do rio, caminhando até onde a água lhe chegava quase aos ombros. Ela deu-lhe um beijo inesperado e começou a nadar. Lui, refazendo-se da surpresa, alcançou-a e deixaram-se levar pelo rio até a margem, a uns vinte metros mais abaixo.

Ela riu e lhe falou:

– Com certeza, Deus não pode rimar com castigo. Mas, imagine um avarento, quando chegar o seu momento de ser levado pelo rio. Que prazer poderá ter, sendo ele o próprio rio e não conseguindo compreender que o prazer do rio é dar de beber, dar banho, formar nuvens para chuva, ser caminho e casa dos peixes e ir para o grande mar?

– Seria o mesmo prazer que ele sentiria se alguém lhe propusesse, hoje, trocar todos os seus bens e milhões por uma viagem, nu, a nado, para o mar. – respondeu Lui, rindo.

– Por outro lado – concluiu Naira –, não tendo ele cuidado do seu próprio rio, pode ser que se encontre um rio lamacento e de pouca água, tendo que descobrir, na viagem para o mar, que ele não era pouca água, mas, sim, a terra que ficou pela margem, tornando-se um grão de areia à beira do rio e formando um novo relógio. Afinal, os grãos de areia parecem ser pais da serra, assim como a lágrima parece ser mãe do mar. De qualquer forma, essa seria a justiça que ele mesmo fez, pois o rio era, é, e continuará sendo simplesmente rio. Isto rima mais com Deus.

– É incrível como os homens podem ser tão iguais e ao mesmo tempo tão diferentes – comentou Lui.

– Por isso mesmo, o melhor a se fazer é tentar ser honesto com todos, cultuando-lhes o lado bom. Isso tudo, sem esquecer que você precisa preservar sua humildade e continuar estudioso nas visões de rio e serra. Afinal, a visão do rio alcança além dos netos do velho pescador, antes dos pioneiros, antes dos índios, antes do próprio homem.

– É verdade, mas não é fácil.

– Você, eu sei que consegue. Eu sei que aí dentro mora alguém muito forte – falou ela, enquanto deslizava com carinho as duas mãos no seu rosto.

CAPÍTULO IV

Três dias depois, Lui teve um sonho. O velho pescador descia o rio lentamente em seu barco com o motor desligado. O rosto não tinha aquele bronzeado que vira e deixava transparecer uma maior expressão de cansaço e tristeza. Ele cantava:

*“Ah, esperanças do meu dia a dia
que, como frutos do meu rio-a-rio
são secas folhas que sombra me deram
e, hoje pisadas, gritam e me assustam
também paradas na beira do rio
como as vozes da minha agonia
bem que as fozes da dor me disseram
que as alegrias se escondem e custam”*

Do reflexo do pescador no rio veio um canto:

*“Ah, pescador, teus lamentos me dizem
da tua dor, dos teus sonhos, teu pranto
No ecoar dos teus passos um canto
quem sabe anseios um dia realizem
Mas olha, irmão, de lamentos não vives
cuida da linha, do anzol, deixa os ares
que a tua sina é a dos pilares
sustentar pés sem que os passos catives”*

Só neste momento Lui percebeu que, por todo o tempo, ouvia acordes de um violão que acompanhava a música. Eles vinham de uma outra canoa que descia o rio um pouco mais atrás, onde um outro velho que tocava agora cantava:

*“E vorta o home a assuntá a famia
que o espera na tábua de pão
pois, pescador puramente só pesca
Não sabe as mesas, os livros de Lei
talvez sabendo, tão simples diria
Mas que pecado pescado terei?”*

Ouviram-se, então, as três vozes juntas:

*“Mas olha, irmão, de lamentos não vives
cuida da linha, do anzol, deixa os ares
que a tua sina é a dos Pilares
conduzir pés sem que espaços cativos,
molhar os pés pra outros pés não molharem,
formar os pés pras enchentes passarem,
firmar os pés para a ponte usarem,
morrer de pé... como os ventos mandarem!”*

O pescador cantara a parte final com orgulho, como se fosse um hino. Recuperara a serenidade nos olhos e o bronzeado na pele. Acendeu um cigarro de palha e deu partida no motor.

Lui acordou um pouco assustado e ficou meditando o seu próprio sonho. Entendera a grandeza que sentira na simplicidade do velho

pescador. Entendera, agora, que sua arma, naquela altura da vida, era essa serenidade. Assim cuidava do seu rio e serra. A serenidade dos pilares.

Lui lembrou-se então do desconhecido tocador que também aparecera em seu sonho, na outra canoa. É claro – raciocinou. – Não haveria as festas de Baliza sem os seus tocadores. Lembrou-se, então, das Folias de Reis em sua infância, no velho casarão. As cantigas, os tambores, as flautas, a bandeira. E tentou enxergar em cada pilar que sustentava as pontes uma figura da região. O garimpeiro, o pescador, o vaqueiro, o cantador, a lavadeira, o professor...

Só uma coisa continuava errada, pois agora, mais do que antes, tinha certeza de que os netos dos pioneiros tinham direito à oportunidade de conviver condignamente com o progresso que chegava pelas pontes.

CAPÍTULO V

— **E**u sei que as duas maiores certezas da vida é que um dia nascemos e um dia morremos — respondeu Tales. Se receamos a morte, com certeza é porque sabemos que para lá caminhamos.

— Mas você há de concordar que existe uma semelhança entre os espaços vazios de após a morte e de antes do nascimento — argumentou Lui.

— Não deixa de ser verdade. Só que eu nunca havia refletido por esse ângulo. Realmente são interessantes as comparações do rio e da serra, admitiu Tales, enquanto servia os dois copos de cerveja.

Tales era amigo de infância de Lui, quase um irmão mais velho, apesar de ser apenas de três anos a diferença entre suas idades. A família de Tales se mudara e ele fora junto, tendo estudado fora, a partir de então. A amizade entre os dois, entretanto, permanecera e, com o retorno dele, há um ano, haviam montado uma empresa em sociedade.

Era tarde de sábado e lá estavam na área de um bar à beira do rio, no lado de Mato Grosso, de onde se podia ver na frente, à direita, o encontro das águas com as duas pontes ao fundo. Em frente, um pouco à esquerda, a praia, e ainda mais à esquerda, quase atrás, a serra. Aguardavam, numa mesinha, por outros amigos da turma de infância, os quais chegaram quase ao mesmo tempo. Primeiro, Tião e, cinco minutos depois, Ênio, trazendo um violão. Reuniam-se habitualmente ali para falar dos negócios que todos agora faziam em Barra do Garças, e, acima de tudo, para tocar, cantar, enfim, rirem das

molecagens antigas que lembravam, tipo a guerra das mamonas, as galinhas “emprestadas” e outros piseiros.

Tião e Ênio pretendiam entrar na política e já falavam da necessidade de vereadores novos. Por isso, após a algazarra inicial, entre uma música e outra, Lui lhes contou o que vira e pensara sobre os netos do velho pescador, sobre a oportunidade de educação e sobre os pilares. Contou tudo resumidamente, sem falar de Naira.

– Tem um detalhe: – falou Tião – Os netos dos pioneiros somos nós.

– Eles também. Só que estão numa faixa de cinco, seis anos.

– Eu penso que nós precisamos agora de menos teoria e mais trabalho. Não adianta sonharmos muito sem lembrar que as cidades respeitam as pessoas pelo que têm e pelo poder. Mas, sem dúvida, vamos fazer o possível para melhorar as coisas – disse Tião, que era o de pele mais clara entre eles e tinha, agora, a idade de 24 anos.

– Fique tranquilo que, se eleito for, eu cuidarei de seus netos, Lui – Ênio riu, fazendo trejeito político. – Eu sei que tudo isso é verdade, mas antes de consertar o mundo, por que não repete aquela música do mocó? Eu nunca a havia escutado – Ênio também era moreno e estava com 22 anos.

– Que Mocó? – disse Lui, surpreso.

– “Mocoração” é fruto verde dessa terra...

Todos riram.

– Depois do brinde aos nossos dois futuros edis – riu Lui.

E recomeçaram a algazarra, enquanto Cláudio, Zé Luiz e outros colegas iam chegando e se juntando à mesa.

Durante aquela semana, Lui contou a Tales sobre Naira.

– Se ela é tão bonita e inteligente, você é um cara de sorte.

Tales comentou que estivera pensando sobre o que haviam falado no domingo e que concordava com Lui quando este havia dito que eles eram filhos dos pioneiros, iguaizinhos aos netos do pescador. Lembrou que, para assistir aos filmes de Tarzan e comprar gibis, quando eram pequenos, um tinha que engraxar sapatos e vender litros, enquanto o outro vendia picolé na rua e laranjas descascadas dentro do velho cinema.

– Se não tivéssemos tido e aproveitado a oportunidade de estudar, com certeza não estaríamos aqui, hoje, conversando dentro de nossa própria empresa – frisou Tales.

– Foi meu primeiro contrato de risco – riu Lui. – Quase obrigava o povo a comprar as laranjas para poder pagar o ingresso ao sair.

– Eu acho que eles as compravam mais pra você se sentar e parar de atrapalhar o filme.

CAPÍTULO VI

Três semanas depois, domingo, Lui subia para as cachoeiras na encosta da serra. O caminho era como uma grande escada. Um córrego, a primeira cachoeira. Mais um trecho de córrego e subia-se à segunda cachoeira, sentindo-se o bom e inconfundível cheiro de mato em meio a um verde exuberante e decorado que denunciava que a primavera já havia chegado.

Algumas cachoeiras acima, encontrou Naira. Ela estava recostada numa rocha, numa espécie de grande degrau que se formava abaixo e acerca da queda d'água. Estava imersa em si mesma, pois só depois de alguns minutos notou a sua presença. Pulou na água e atravessou o pequeno poço em sua direção. As cachoeiras, antes de voltarem a correr como córrego, sempre formam um poço e uma clareira, que são como pequenos santuários da natureza. Realmente Naira estava muito bonita em um biquíni de tom esverdeado. Saiu do riacho sacudindo a cabeça, para tirar o excesso de água que escorria na cabeleira castanha. Sorriu, pois tinha certeza de que estava molhando Lui e, assim, abraçou-o. Naquela hora ele teve a certeza de que amanhecera aquele sorriso da viagem de barco.

Pouco depois, os dois nadavam de volta ao lugar onde ela estava antes. Ali se podia aproveitar melhor o sol de após o meio-dia.

Deitado a seu lado, Lui lhe contou que pensara que ela fosse vir à praia no domingo anterior e que, desde lá, a esperara sentindo saudade.

– Somente hoje, na praia, quando o velho pescador me entregou seu bilhete dizendo que estaria nas cachoeiras, senti uma maior leveza no coração – completou Lui.

– A saudade é uma palavra do coração e é bom saber que você o escuta – disse Naira. – O coração tem muito a ver com a cachoeira. Ambos têm suas vozes. Sendo o rio como o espírito e a serra como o corpo, a cachoeira é como um pedaço do rio cantando em plena serra, assim como o coração nos lembra um pedaço do espírito no centro do corpo. A cachoeira mora aqui na serra e fica sempre caindo, cantando dia e noite, independentemente dos problemas lá de fora, assim como o coração bate dia e noite, trabalhando incessantemente e nos mantendo vivos. Ainda existem pessoas que passam meses, até anos, sem ter tempo para escutar o coração. Além de tudo, a cachoeira é o caminho natural para ir da serra para o rio, assim como o coração, do corpo para o espírito. Por isso mesmo se liga o coração ao amor. Na verdade, o amor seria o próprio córrego que desce a serra, formando as cachoeiras no seu caminho para o rio.

Alimentaram-se com frutas que ela trazia consigo e muito ainda conversaram e se divertiram naquela tarde, apesar de que Lui observara que marota, ou inconscientemente, ela os conduzia descendo de cachoeira em cachoeira, quando o clima entre os dois passava do envolvimento à sensualidade. Ele, porém, ao contrário dela, talvez, sentia-se incapaz de dominar o seu próprio envolvimento, por achar que a sensualidade era inevitável ante a beleza dela e das cachoeiras.

Por fim, trajando bermudas e camisetas, tomaram o caminho da volta, seguindo o curso do córrego até onde ele desaguava no rio. Subiram pela margem do rio e chegaram às pontes antes do pôr do sol e, quando este se iniciava, os dois as atravessavam. Foram, em seguida, para a praia, onde viram o espetáculo das variações das cores se diluindo nas nuvens, em curiosas e belas formações, que geralmente ficam mais

vivas no instante imediato após o pôr do sol. Estavam cansados, mas felizes. Talvez, também por isso, ele conseguiu dela a promessa de voltar ali no dia seguinte.

– Tudo bem, mas só poderei chegar bem à tardinha – disse ela.

CAPÍTULO VII

No dia seguinte, domingo à tarde, Lui foi o último a chegar à mesa dos amigos, na cantina beira rio. Entabularam as brincadeiras habituais, mas, quando quiseram lhe entregar o violão, Lui falou:

– Hoje eu só ouço vocês, pois mais tarde ainda vou à praia tocar violão e ver a lua nascer.

– É mesmo? E por que não nos convida?

– Convidar como, se a praia é uma das poucas coisas que é de todos nós? Se quiserem, poderemos fazer uma fogueira, beber vinho, assar carne, namorar, qualquer coisa.

– É uma grande ideia para fazer algo diferente

E assim ficou combinado.

Lui chegou à praia antes do pôr do sol e encontrou Naira. Por coincidência, ambos usavam calças jeans e camisas soltas. Pouco depois, os dois catavam pedaços secos de madeira e gravetos na ladeira da terceira ruela que chegava ao rio, num local mais distante do que costumavam ficar, quando se encontravam na praia.

Por volta das nove horas da noite, foram chegando Tales com a namorada e uma amiga, Ênio, Tião e mais dois amigos e três amigas destes, duas delas de passagem pela cidade. Feitas as apresentações, Lui, de certa forma, se sentia orgulhoso pela admiração visível que

a beleza de Naira causara aos amigos. Haviam armado a pequena fogueira no meio da praia, a uns trinta metros da margem do rio, de forma a ficar numa distância intermediária dos carros na ladeira.

Naira parecia um pouco tímida e, depois das brincadeiras iniciais, preferia estar sentada junto a Lui, ouvindo as músicas que ele cantava.

Um violão, praia, lua, uma fogueira e bons amigos às vezes tocam tão fundo que, a certa altura, já quase não se conversava, tal a atenção que tinham nos sons.

– Toca Mocó – pediu Tales, quebrando um pouco a magia, para o riso dos amigos.

Lui explicou a Naira que havia cantado para eles aquela música que ela lhe ensinara e que eles logo tinham arranjado um jeito de simplificar, colocando um apelido na música, o que fez Naira rir muito.

Voltando-se para Tales, Lui falou: – Antes eu vou tocar uma música que acabei de fazer ontem. Depois você toca Mocó. Afinal, você também já sabe tocá-la.

E cantou:

*Morena a Luarina, vida,
habita os bares do meu coração
e, em cada ponto uma sentida
esperança ida reacende a paixão
de ver seu rosto afogueirado
molhado de rio na praia do chão
acende o céu avarandado
que guarda carinho, dor e emoção
Pois você é como um riacho raso
às vezes, mais profundo que a solidão
que beija o ponto morto de uma rua
e calmamente segue a direção*

*Pois você é como um riacho claro
às vezes, mais sombrio que a traição
reflete o rosto, o céu, o arvoredo
e, se tocado, nega a visão*

*Pois você é como um riacho solto
sobre pedras desliza em canção
é como estrela só e radiante
Desentendentemente coração*

Ao final da música, os amigos bateram palmas, como a assumir um pouco a cumplicidade e a beleza da noite.

Lui olhara para Naira enquanto cantava. Ela havia se sentado um pouco mais longe, em frente dele, e os seus olhos deixavam ver uma forte expressão que se misturava aos reflexos da fogueira que neles dançavam. Certamente sentira que a música havia sido feita para ela. Lui entregou o violão a Tales e Naira caminhou por sobre os joelhos, chegando-se a Lui e beijando-o demoradamente. Depois, deitou-se no seu colo, enquanto Tales começava a cantar, acompanhado pelos amigos.

– Meu coração é fruto verde dessa terra...

Quando Tales começava uma nova canção, Naira apertou a mão de Lui, levantando-se. Afastaram-se uns cinco metros da roda e, conduzidos por ela, deitaram-se novamente.

– Me explica essa *luarina vida* que você cantou – sussurrou ela.

– Todo homem carrega dentro de si uma mulher. Não sei se a mulher ideal, a dos seus sonhos ou uma mistura de todas elas. E, de vez em quando, ele sai para tomar cerveja, tocar violão ou ouvir músicas em

companhia de outros amigos, como que para vivenciar um pouco disso tudo, alimentar ou extravasar o que tem e o que não tem de seus sonhos. *A luarina vida* seria um neologismo, uma forma nova de boemia, só que, para mim, significando uma coisa mais nova, menos sofrida e mais mágica, talvez.

– Não posso dizer que entendi completamente – falou Naira.

– Por exemplo, faz parte da minha luarina vida tudo o que eu quero e tenho de você e da vida, assim como tudo o que eu quero e não tenho.

– O que você quer de mim e não tem? O riacho solto, o profundo, o claro, o raso... – falou ela, lembrando a música cantada.

– De você eu quero todos os riachos. Você sabe que é uma mulher bonita e seria até falta de lógica se eu não a quisesse inteiramente... você deve ter notado nas cachoeiras.

– Lui... Lui. O que se passa com você, acontece comigo também, mas eu tenho medo. Não sei lhe explicar, mas estou feliz com você assim, apesar de sentir o mesmo desejo.

– Acontece que, depois de conhecer você, é como se eu não conseguisse me sentir completo com nenhuma outra pessoa, você entende?... até pra fazer amor.

– Fazer amor com quem se ama pode ser a expressão mais plena do momento de rio e serra. É a conjunção dos três santuários que temos. A cabeça, o coração e o sexo. É do equilíbrio dessas três dádivas que depende o nosso próprio equilíbrio. Acontece que não sei se estamos preparados para visitar tudo isso, pois os santuários são lugares de cada um, onde só ele pode ir ou permitir.

– Eu não acho que fazer amor possa ser assim tão complicado. São duas pessoas que se entregam e, quando assim querem, dão e recebem

um ao outro.

– Só que eu acho melhor nos sentirmos mais – ponderou Naira.

– Sua que sou, não tenho lhe entregado tudo, mas, tampouco, tenho lhe negado nada. Enquanto falava, ela segurou sua mão e a pousou sobre o seio, enquanto ele procurava sua boca. Beijo de lua...

Pouco depois, como que a entendê-la, Lui a conduziu para a fogueira e lá ficaram com os amigos, até quase duas horas da madrugada. Apesar dos protestos de Lui, Naira insistiu em ir embora para casa, sozinha, pela praia. Lui aborreceu-se um pouco, mesmo quando Naira argumentou, em tom de brincadeira séria, que a mulher tinha sempre que guardar algum mistério para o homem.

– Quem sabe, eu não seja a filha da mãe d’água do rio? – ela sorriu convencendo Lui a ficar feliz.

Meia hora depois, após deixarem as outras amigas e namoradas em casa e no hotel, o grupo de amigos parou num barzinho da cidade para tomar a última cerveja, a qual sempre chamavam de saideira.

Na terceira saideira, instantes depois, em meio a conversa ainda animada, Tião falou para Lui, colocando o braço em seus ombros: “Agora é que eu estou entendendo porque você não anda aparecendo na cantina, em alguns domingos. Onde você foi arrumar aquela princesa, amigo?”. E ele completou, fazendo um ar de cumplicidade: “Eu acho mesmo que gostaria que você me apresentasse à família, às irmãs dela, quem sabe...”.

Com um tom jocoso e reflexivo, Lui respondeu: “Por mim, tudo bem... só que você vai ter que providenciar um escafandro, pois aquela princesa é a própria filha de Iara... juro”, riu ele ante o olhar desconcertado e divertido do amigo.

CAPÍTULO VIII

No sábado seguinte, Lui esteve na praia antes do meio-dia. Correu por toda a sua extensão, nadou durante algum tempo e retornou à cidade para o almoço. À tardinha, no entanto, ele estava de volta à praia. Tinha uma forte esperança, como uma intuição que lhe dizia que talvez encontrasse Naira, mesmo sabendo que ela viera há apenas uma semana.

E teve a sua melhor surpresa quando ela chegou. Ele descobriu que tinha razão em sentir que algo mais forte estava acontecendo, primeiro a ele próprio e, agora, a ela. Alguma força que mantinha a presença dela constantemente em seu pensamento e que, naquela tarde de sábado, fazia-a quebrar sua rotina, voltando à praia inesperadamente, para a felicidade de Lui.

Ele se sentindo amado, falando de amor, naquele momento de rio e serra. Ela se sentindo amada e, por certo, tentando entender a extensão do amor. Mais tarde, ela falou a ele do quanto estava feliz. Falou também, ali, pela primeira vez, numa possibilidade de ter que ir embora. Por isso mesmo, disse ela, que não podia evitar que, volta e meia, viessem-lhe ao pensamento as rimas contidas em beleza e tristeza, amor e dor, porvir a partir, felicidade e saudade...

– Nem pensar em partir – falou Lui.

Depois, pensativo: – Mesmo que assim fosse, você partindo e eu não, seríamos como o rio. Um no outro, lá e aqui. Você mesma me ensinou

isto.

– É, talvez você tenha toda a razão – admitiu Naira.

– Penso que sim. Acho mesmo que a rima mais importante é a do “eu e você”. E mesmo se você me disser que isso não rima, eu posso lhe mostrar todos os meus versos, todas as músicas e rimas que nasceram da sua presença.

Ele se sentindo amado, falando de amor, naquele momento de rio e serra.

CAPÍTULO IX

Noite de domingo. A claridade da Lua cheia se refletia vivamente na areia branca da praia. Lui resolvera repetir a noite com fogueira, como haviam feito uma semana atrás, só que, desta vez, tocaria só pra ela.

– Sua música, sua rima – ele falou e ficou olhando-a, enquanto fazia acordes no violão. Parou de tocar para beijá-la.

– Canta... continua...

Por um breve momento, ele sorriu, lembrando-se que estas tinham sido as primeiras palavras que ouvira dela, meses atrás.

Vida sem hora, pensou, enquanto começava a cantar:

*Por teus passos sensuais, princesinha
A areia me levou para olhar
Teus palácios de cristais de rainha
Que me olharam tendo promessas de mar
Dois palácios de cristais...*

*Que na graça do teu corpo, peixinha
Me encantam como rei ou serviçal
Do rubi maior da lara rainha
Me levando todo a um desejo mortal
De perder-me em teu amor fluvial*

*Se o amor
Em seu canteiro traz a flor
De uma saudade, salve a dor
Que esse tempo traz
Se o amor
Em seu canteiro traz a flor
Da liberdade de querer
Nos amarmos demais...*

*Vem, me leva aos teus palácios reais
Vem, me leva aos teus palácios reais*

Clique e ouça a música **Peixinha** 

E, enquanto repetia a parte final da música, Lui pôde ver o quanto ela se emocionara. Desciam-lhe dos olhos algumas lágrimas, que faziam um fascinante contraste com seu sorriso, na plenitude de sua beleza. E, antes que Lui atendesse ao seu próprio impulso de abraçá-la, ela se achegou a ele, beijando-o. Era a mulher que, agora, em todo o seu fascínio, surpreendia-o deitando-o na areia. No momento em que mais parecia precisar ser deitada no colo dele, ela lhe trazia, soberana, todas as carícias de uma mulher que ama, em palavras, sons, pele e vontades.

*Clarão de lua
O que parecia sorriso eram olhos
Olhos que brilhavam agora marotos, carentes
Olhos de lua
Iluminam, dominam e pedem você
O que parecia palavra eram gestos
Sons dos carinhos de quem se sentia amar
De quem se deixava amar*

*O que traduzia estrada era mão
Sabendo-se ela amada
Conduzia e era levada*

*Tempo do amor
Cheiro de lua, praia, estrelas
Naquele momento de rio e serra
Cheiro de amor*

*Hora da vida
Vida sem hora
À vida, vida
Mágica hora
Senhora Vida*

Fazer amor com Naira fazia Lui sentir a mais forte sensação dentre todos os prazeres que, até então, ele experimentara. Uma sensação de eternidade, de beleza, que se renova a cada toque, como ondas de um oceano, levando vibrações de sua própria grandeza. Uma sensação de poder, de universo. Às vezes sentindo a sensação de ser ele o próprio planeta. Às vezes, sentindo a sensação, talvez, de uma estrela, irradiando luz e energia, equilibrando planetas e sendo equilibrada. Uma sensação de harmonia com a própria criação, de estar vivo e determinante nela. A estranha e bela sensação de poder mergulhar numa palavra de prazer e, em seu breve instante, ser capaz de colher nela todas essas sensações.

Em um determinado momento da noite, deitado ao lado dela e olhando as estrelas, Lui agradeceu a Deus pela vida e desejou que cada homem e mulher do planeta pudessem viver um momento como aquele: a própria sensação de plenitude.

O dia estava quase amanhecendo quando Naira foi embora. Desta

vez, Lui não insistiu em acompanhá-la; afinal, por que insistir se, assim, arriscava-se a quebrar a harmonia? Além do mais, ela tornou todo o resto desimportante quando disse a Lui que queria encontrá-lo novamente quando anoitecesse.

Naira desceu pela praia e ele a seguiu com os olhos até onde lhe era possível enxergá-la. Lui ali ficou até ver o nascer do sol, enquanto reconstruía, em sua mente, cada momento daquela noite.

Ele pegou o violão que ficara ali ao lado, na areia, protegido pela sua jaqueta. Ficou olhando como cada corda vibrava declaradamente quando era afinada, chegando ao tom da outra acima, quando esta era pressionada no quinto traste. A harmonia – pensou Lui – é construída nos detalhes às vezes pequenos, mas, quando conseguida, alastra-se, incorporando grande parte do que a cerca. A harmonia é a própria felicidade.

E Lui viveu aquela sensação de felicidade com todos os seus sentidos. Naira voltou para encontrá-lo, na praia, durante quase todas as noites daquela semana e, em cada noite, a magia entre eles se tornou mais intensa.

Na segunda-feira, deitado sozinho em seu quarto, Lui pensava que, definitivamente, era impossível traduzir toda a magia daquela semana, mesmo em música. Dentre tantos momentos, gestos, carinhos, veio-lhe à cabeça uma resposta que ela sussurrara em seu ouvido:

Sua que sou

Todas as luas

Lua que estou

Sou toda sua

CAPÍTULO X

A primeira chuva forte chegou na terça-feira, precedendo chuvas abundantes, intermitentes, que trouxeram consigo o mês de novembro num fim de semana chuvoso. Chuvosos também seriam todos os fins de semana de novembro e a maioria de seus dias, exceto um domingo, o terceiro, nublado, cinzento, em que, na parte da praia que ainda não tinha sido invadida pelo rio, Lui recebeu uma folha de papel dobrada das mãos de um conhecido, a ele mandada pelo velho pescador.

Naqueles fins de semana, ele ficava, às vezes, por mais de hora, olhando a chuva cair no rio, de dentro do carro parado na ladeira. E em outros mais, ainda ficaria até que o rio, alimentado pelo volume das chuvas desde Alto Araguaia, de Alto Garças, cobrisse inteiramente a praia e avançasse rumo às ladeiras.

Ele nada conseguira saber sobre a casa de Naira, além de vagos palpites sobre chácaras isoladas rio abaixo. Depois de muitas tentativas, sendo que o velho pescador também não mais aparecera, ele resolvera dar tempo ao tempo. Afinal, tanta coisa havia a ser feita e a ser ainda refletida sob a forte luz das lembranças dos seus momentos. Quando essa luz cedia espaço à saudade, Lui desdobrava a folha de papel, como se tentasse afastar as águas pra ver escritos na praia os versos que Naira havia lhe enviado, em novembro, pelo pescador.

Se eu passo, eu sei, tu olhas

Sei, tu ardes e eu choro

*Se eu finjo que vou me embora
Finjas não te importar
Nós somos um sempre agora
Na beleza do lugar
Um rio indo ao mar*

*Seremos assim
Romance de Rio e Serra
Eu pra ti e tu pra mim*

*Minhas filhas cachoeiras
Cantam alegres no teu peito
Minhas ilhas, tuas filhas
Falando do nosso amor
Quando a beleza chover
Virei molhar tuas matas
vou ser vida em teu viver*

*Seremos assim
Romance de Rio e Serra
Eu pra ti e tu pra mim*

Clique e ouça a música **Romance de Rio e Serra** – instrumental



CAPÍTULO XI

Lui conduzia o seu dia a dia para o trabalho e os amigos. Com o violão, sempre que possível, dividia o desconforto de uma saudade cada vez maior de Naira. Ele queria mesmo era que o tempo do rio corresse mais rápido, que chegasse logo o momento de revê-la.

Tião e Ênio tinham assumido de vez a posição de candidatos a vereador. Embora estivessem em partidos diferentes, conversavam entre si, e junto a Lui e Tales, nos costumeiros encontros, agora mais recheados de argumentações sobre o sistema social da cidade.

– Antigo – dizia Ênio. – Infelizmente a distância de novo, da tecnologia, das faculdades, da própria informação, vai deixando a cabeça dos nossos mandatários cada vez mais ultrapassada. Alguns deles nunca saíram mesmo daqui, e outros que saíram só usam essa experiência em proveito próprio.

– A questão está aí – concordou Tião. – Renovação. Não podemos sair por aí brigando com todos eles. Mesmo sendo eles nossa gente, temos que trabalhar em cima da necessidade da renovação de políticos, sem dar a entender a totalidade. Afinal, temos muitos amigos, grandes contatos e ainda por cima poderemos contar com o desgaste que eles mesmos se infligem nessa época de luta pelo poder.

– A gente tem de trabalhar juntos. É lutar mesmo, participar, opinar, aparecer... no comércio, nos bares, na igreja, enfim, onde estivermos – falou Ênio.

- Vamos acreditar na renovação – disse Tião. – Slogans, quem sabe um símbolo, promoções, uma música, ideias...
- Fiquem tranquilos que eu e o Lui estamos juntos nessa. Mais essa – disse Tales.
- Afinal, se vocês perderem, nós também perdemos – sorriu Lui.

CAPÍTULO XII

Janeiro de 1982. As águas eram um espetáculo à parte. Chegavam a assustar pelo volume. Reforçadas por nova intensificação das chuvas, já alcançavam quase a altura total dos pilares, pondo em risco as pontes. Haviam ganhado as ladeiras e invadiam as primeiras casas mais perto do rio. Há muito tempo, diziam os mais antigos, não se via tanta água.

Ênio reclamava das dificuldades da campanha:

– Eles têm o esquema entre eles, como se fossem pequenos currais. Por mais que a gente argumente, no corpo a corpo, o povo, às vezes, não dá atenção. É como se fosse um vício. Nada dizem, mas já estão esperando os remédios, as botinas, o dinheirinho, as camisetas e as festas dos velhos políticos. Sinto como se a maioria do povo tivesse medo de dar seu voto para alguém novo, como se isso fosse arriscar inclusive os presentes de campanha, pelos quais o povo, em sua simplicidade, acaba ficando verdadeiramente grato. Além disso, quase sempre tem também alguém de cada família numerosa empregado na prefeitura, o que também as deixa intimidadas de prejudicar o parente, apesar do mísero salário. No fim, tudo gira em torno do dinheiro e, nesse ponto, já há muito tempo eles vêm se preparando. Pelo menos o Tião tem menores problemas, pois conta com parentes que têm recursos e podem ajudá-lo um bocado. Pra mim, a campanha será trabalho braçal mesmo.

Lui ouviu tudo e concordou, encorajador:

– O importante é que sempre há uma saída. Talvez no meio disso tudo a gente encontre a melhor forma de transmitir ideias e alcançar os objetivos de renovar.

Uma semana depois, Lui apresentava para Tião, Ênio e Tales a música que poderia ser também base das campanhas no meio do pessoal mais jovem, principalmente. Ele a cantaria nos bares, nas festas, no festival da canção da cidade. Tudo seria usado por eles para colocar a ideia de renovação.

E cantou:

*Avenida que acomoda
Cabeças quentes cheias de presságios,
Cabeças frias de tantos naufrágios,
E, que, apesar de tudo, não percebem
No leito calmo da rua,
Na madrugada, calmo, vem o rio
Me lembro, já passado, a mesma história
A mesma história desse mesmo rio*

*A enchente carregou
Canoa sem remador,
O pau que não enraizou,
A terra que se soltou,
A lágrima que rolou,
Aquele que contestou,
Não agiu, se acomodou
E, passivo, a correnteza alimentou*

A música tinha em seu início e no final um arranjo vocal bem popular, que pedia um acompanhamento com palmas. Nada melhor para a participação alegre de todos, apesar do tema sério e conscientizador.

– A música está muito boa – aplaudiu Ênio. – Mas será que a letra não está muito figurada... pouco direta?

– Mas é justamente essa a ideia – disse Lui. – Falar através das coisas de nossa terra e dar oportunidade para que vocês, cada um ao seu modo e conveniência, expliquem a todos o que a letra está dizendo em termos de política, da necessidade de renovação.

– Essa é a música! – exclamou Tião.

No final daquela tarde, Tião e Ênio prometeram se ajudar, quando estivessem nos redutos dos adversários ou mesmo trocando informações sobre as situações, facilidades e dificuldades nos bairros das cidades e distritos do município. Nos meses seguintes, ambos realmente cumpriram aquele pacto.

Lui se orgulhara da aprovação e entusiasmo dos amigos.

Naquela noite, sozinho em casa, perguntava-se o que Naira diria daquela música. “Acho que sentiria orgulho, como eu”, pensou, experimentando um misto de tristeza e alegria.

“Vou fazer uma outra parte pra cantar pra ela” – consolou-se, pegando o violão:

*Nos meus passos eu carrego
Acertos, erros dessa paisagem
Que só se acalma com sua vontade
Pelas veredas dos olhos, menina
No leito calmo da noite,
Na madrugada afora, vai o amor
E vivo, pleno, a mesma e nova história
A mesma história desse nosso amor*

*O coração transbordou
Estrela que me fitou
Nos olhos do meu amor
O brilho que protegeu,
O corpo que me aqueceu,
A terra se resumiu,
A noite, o leito, o rio
Só o dia serenou
Enchente de quem amou*

Clique e ouça a música **Enchentes**



CAPÍTULO XIII

Início de março, as águas recuavam. Lui havia ido até as cachoeiras, na serra. Relembrou-se de cada momento e lugar do sábado em que lá se encontrara com Naira. As pedras estavam escorregadias e o canto de cada cachoeira dominava o ar com mais vigor, abundantes que estavam suas águas. O próprio córrego, agora mais cheio, barulhava serra abaixo pelas pedras. Lembrou-se dela comparando a cachoeira ao coração e dizendo ser a saudade uma de suas palavras. Exatamente assim ele sentia, pois tal qual aquelas cachoeiras, em seu peito a saudade jorrava barulhenta e forte.

*Araterra,
Nadarágua,
Voarares, ter paixão
Meu coração ah, quanto amor encerra
Num canto de emoção
Quer inundar de paz toda essa guerra,
Se viu*

*Arar terra,
Nadarágua,
Voarares, ter paixão
Meu coração é ira de violeiro bom
De tanto amar o chão
Mora no céu qual mira de engenheiro
Civil*

Água de cachoeira
(Meu coração)
Água de cachoeira
Esperando a morena
Trazer calor e sol
A natureza acena

Água clara,
Brisa leve,
Fruta fácil, ter pai chão
E adormecer no colo da morena
Ouvindo uma canção
É a paz grande pra sombra pequena

Lui cantara para Tales sua nova canção. Acostumara-se a partilhar com o amigo quase tudo. Estavam juntos no trabalho, nas ações políticas pelos amigos, nas festas e, às vezes, na própria tristeza de Lui, quando este se abria em sua saudade e buscava algum alento contando ao amigo a magia das conversas e momentos que vivera com Naira.

Tales dissera: – Canções de rio e serra... na verdade, mesmo tendo estado com vocês somente naquela fogueira, eu também sinto muito que ela tenha ido embora... decerto foi preciso, a família se mudou às pressas, a enchente... quem vai saber?! A verdade é que vocês dois se tinham muito um no outro. Veja bem, você está justamente me mostrando canções de rio e serra. Fez enchentes, canção de rio e Araterra, canção de serra.

– É Naira plantou muita coisa em mim. Ensinou-me a entender muita coisa. Mas eu sei que, mesmo que ela tenha se mudado, dará um jeito de voltar ou me dizer onde se encontra; uma carta, sei lá...

– Nisso eu concordo apenas em parte – ponderou Tales.

– Afinal – continuou –, como ela mesma mostrou pra você, as coisas podem ser vistas sob mais de um ângulo de visão. Assim sendo, posso crer que ela não tenha lhe ensinado tudo isso, mas pode apenas ter despertado isso, pode apenas ter feito vir à tona coisas que já existiam dentro de você, em seu espírito, em seu rio.

Tales agora argumentava com certa desenvoltura. Alguns dias antes, comentara com Lui que entendia a comparação da vida como o momento de Rio e Serra, porém, questionara a si mesmo o porquê da serra. Se tudo vinha do rio e nele tinha seu verdadeiro sentido, por que a Serra?

Era como se perguntasse se, sendo Deus perfeito, por que o homem? Sendo a visão do rio-espírito plena, para que o corpo, para que a serra?

Algumas horas depois, Lui lhe respondera: “Seríamos nós capazes de imaginar o perfeito? Somos nós capazes de imaginar o Supremo amor parado, sozinho num lugar, sem que esteja amando?”.

“Que maior ato de amor poderia ter o amor perfeito do que reviver todo o seu caminho para a perfeição? O próprio universo traduz a explosão de um ponto e a sua expansão para algum lugar. Quem sabe, o próprio ponto!”.

“O amor é amar, pois. O homem é o amar de Deus e a serra seria o amar do rio”.

Tales refletira. Era muito estudioso e de nobre espírito. Talvez, por isso mesmo, agora levasse o amigo para voltar a atenção em si mesmo, falando que Naira, por certo, fora embora. No fundo, não queria ver mais sofrimento nele.

CAPÍTULO XIV

No início de maio, a praia já se fazia totalmente descoberta e logo mostrava que Tales parecia ter tido razão, quando se preocupava com Lui, preparando o amigo para a possibilidade de que Naira não retornasse.

Apesar da participação normal do trabalho e na cidade, Lui, em algumas ocasiões, recolhia-se ou desaparecia sem nada falar. Tales, porém, tinha certeza de que ele estaria em algum lugar do rio ou da serra. Lui, com efeito, retomara o costume de ir à praia, como no ano anterior. Havia, no entanto, a grande diferença da saudade que agora trazia consigo e que, inclusive, levava-o lá, às vezes, mesmo durante a noite.

Maio se foi e metade de junho se passara, quando Lui começou a admitir que, na realidade, talvez ela não fosse aparecer. Essa era uma conclusão malquista, doída. A voz da razão sobre os sentimentos, o voo, em peso que trazia na queda a ansiedade da impotência, como se seu coração fosse sendo feito prisioneiro, apertado pelas suas próprias asas.

Julho. Um ano era passado desde quando a conhecera. Ele lembrou-se das rimas contidas... felicidade, saudade, amor e dor, beleza e tristeza... Lembrou-se que, na sua própria música, pedira o amor, mesmo que a dor um dia viesse. Nada disso, porém, lhe parecia justo, agora, muito menos trazia algum alento.

Mais uma noite de domingo. No frio de julho, a lua, em quarto crescente, passeava sobre a areia branca. Lui resolvera acender uma pequena fogueira. Só que, desta vez, ele estava sozinho e cantaria para a noite, para a lua, a serra e o rio.

*A noite já se faz presente
É Quarto Crescente
E eu não te vejo
Na praia onde mora a areia
Meus olhos bebem as estrelas
Pois cada estrela guarda um beijo
Gritado pela imensidão, derramado pela Lua Cheia*

*Dança, dança, dançarina
Que o vento sopra o tédio da cidade
Faz do céu noturno palco
Pois já é minguante a felicidade
– Traz de volta a minha estrela
Que eu ainda sou moço pra tanta saudade,
Que em qualquer Quarto da Lua
Nova, Cheia de amor quero vê-la*

*Se tão longe ela estiver
Nova, diga um beijo num arco de encanto
Que meu pranto tem meu riso
E meu riso, quando pleno, chora um canto
– Traz de volta a minha estrela
Que eu ainda sou moço pra rir esse pranto,
Que, em qualquer quarto da Lua
Nova, Cheia de amor quero vê-la*

Clique e ouça a música **Quarto Crescente**



Lui entendeu, então, as palavras de Naira, quando ela dissera parecer ser a lágrima mãe do mar.

“Na verdade – pensou –, às vezes, é muito mais fácil atravessar um oceano que uma só lágrima. Assim o é, todas as vezes que seja essa lágrima a navegante em você”.

CAPÍTULO XV

O fim do ano se aproximava e Naira realmente não aparecera ou mandara alguma notícia. Lui cansou-se de tentar entender o porquê. Algumas vezes, sofria quase fisicamente, quando estava sozinho, recordando. Outras vezes, esse sentimento se atenuava, quando ele se entregava ao trabalho na empresa. Às vezes, trazia algo da luarina vida que ele mesmo cantava, quando o violão parecia achar belezas em sua mágoa.

O sentimento de felicidade, enfim, não se fizera completo em Lui, nem mesmo quando houvera a confirmação da eleição de Tião e Ênio para a Câmara Municipal. Ele comemorou a vitória com os amigos, fez planos, cantou, mas, ao mesmo tempo, continuava com uma certa superficialidade em relação a tudo que o cercava.

Por isso tudo, Tales, que acompanhava discreta e atentamente o amigo por todo aquele tempo, resolveu aconselhá-lo a fazer algumas viagens, conhecer outras pessoas em outros lugares, pois, dissera-lhe ele, notara que Lui não conseguia se interessar verdadeiramente pelas antigas amigas ou pelas novas, para quem fora apresentado. Como principal argumento, Tales expunha que ele, sozinho, poderia conduzir a empresa por algum tempo, sendo que Lui poderia ir mantendo contato e dando as orientações que de si se fizessem necessárias, por telefone, de onde ele estivesse. Haviam tido um ótimo ano na empresa, o que possibilitara, inclusive, adquirir outro veículo, de forma que, agora, cada um tinha seu carro para usufruir individualmente.

Lui, a princípio, resistiu à ideia, mas, pouco a pouco, foi cedendo aos argumentos do amigo. Afinal, se bom não fosse, ruim também não poderia ser e isso possibilitaria outras vivências e reflexões diferentes.

Assim, no início de 1983, ele saía em viagem. Lui optara por viajar de ônibus. Afinal, seriam viagens curtas e isso possibilitaria estar mais entre as pessoas, distrair-se mais. Ele sentia, mesmo, que só a própria viagem já lhe dava agora uma sensação diferente. Olhara para trás e, pela janela do ônibus, enquanto via a serra ir ficando menor, sorria vagamente, contendo uma lágrima.

Em uma, em outra cidade, Lui conhecia pessoas de todas as idades e conversava, às vezes, sem maiores propósitos, coisas da vida, coisas da região, coisas do país. Para ele, conhecer as pessoas se tornava fácil, visto trazer consigo seu violão. Em certas oportunidades, deparava-se com pessoas menos simples, das quais ele se esquivava, nem sempre com facilidade. Afinal, música é uma coisa que atrai quase todo mundo. Na maioria das ocasiões, porém, acabava tocando violão em rodas que eram combinadas nas praças, bares e, às vezes, na casa de um novo amigo, amante da música, ou de família com esse dom. Numa dessas rodas, conheceu o pai de um desses amigos, que liderava um grupo de senhores que tocavam músicas de serestas. De suas vozes, violino, cavaquinho, pandeiro e violões brotaram valsas, sambas-canções e chorinhos que emocionaram Lui profundamente. Naquela noite, ele sentira que muito tinha a aprender da música, dos velhos músicos, dos seus amores felizes ou não, e da própria vida. E, muito aprendeu com cada um deles, nos dias em que lá ficou, conhecendo músicas, algumas delas do tempo em que sequer era nascido. Em outra ocasião, viu encher de água os olhos de uma senhora que se emocionara com uma velha guarânia que ele, Lui cantava. Ele descobria que, de certa forma, renascia nas emoções que dava e recebia das pessoas.

Em outra cidade, conheceu Márcio e Paula. A amizade veio mútua

e rapidamente. Márcio também tocava violão e gostava das mesmas músicas atuais. Paula, sua irmã, o acompanhava sempre e era a alegria e juventude em pessoa, com cabelos curtos e loiros, olhos claros, de expressões que se alternavam entre a vivacidade e a doçura.

Lui contou superficialmente a Márcio sua história da praia, sobre a sua empresa, os amigos, explicando o motivo daquela viagem. Cinco dias depois, por insistência dele, foi hospedar-se em sua casa. Sua família era alegre, religiosa e popular. Sua casa era boa, simples e contagiante, de tal forma que Lui lá ficou durante quase um mês, ao final de muitos adiamentos de partida. Por três vezes, convenceram-no a ficar mais um pouco e ele acabava ficando, pois sabia, consigo mesmo, que, na verdade, estava mesmo precisando sentir-se bem como ali acontecia.

Márcio não era o que se pode chamar de alguém adiantado nos estudos, mas, por outro lado, sobravam-lhe comunicabilidade e extroversão. Participava de atividades sociais e esportivas com o mesmo entusiasmo que dedicava ao grupo de jovens que ajudava a liderar na igreja matriz da cidade. Sob a orientação do velho e atencioso Padre Antero, o grupo fazia visitas semanais a bairros mais carentes, levando diversão, catequese e alguns mantimentos que arrecadavam. Durante sua permanência na cidade, Lui se integrou às atividades do grupo, inclusive ajudando Márcio a tocar nas missas de domingo.

Na parte da manhã, durante a semana, Lui às vezes ajudava Márcio em seus estudos, com longas aulas. Depois disso, iam para a loja de seu pai, onde Márcio o auxiliava, à tarde. Outras vezes, Lui saía com outros amigos do grupo. À noite, geralmente se reuniam em lanchonetes ou na casa de alguns deles, onde faziam rodas de violão, comidas, festinhas, quase sempre com algumas cervejas e dança com os discos favoritos. Uma parte do grupo ainda estudava no período diurno e se encontrava mais cedo, enquanto os outros apareciam depois das aulas.

E foi por ocasião da festa, que viria a ser verdadeiramente a despedida de Lui, que Paula comentou, no seu ouvido, enquanto dançavam:

– Você pode ter a certeza de que eu sou a pessoa que mais vai sentir sua falta aqui. O que me deixa mais triste é que acho que você percebeu que eu gostei de você, mas, mesmo assim, nada fez para que acontecesse alguma coisa entre a gente, como se eu não lhe agradasse ou merecesse mais de você.

Realmente, Lui percebera que ela o tratava de modo especial. Ele entendia também que, além da energia da juventude que tinham, a sensibilidade dela fora despertada, ainda mais, pelas suas músicas e pelo clima das rodas de violão.

– Você é uma das meninas mais bonitas da turma e deve saber que é a mais pretendida, inclusive – ele sentiu o abraço dela mais forte e continuou:

– Se eu não propus nada a você, pode ser pelo fato de estar hospedado na sua casa, por não querer correr o risco de decepcionar as pessoas e, talvez, por ter uma namorada em minha cidade...

– Você sabe que todos lá em casa gostaram de você e, além disso, eu não estou me importando se você tem namorada. O que eu quero sentir é que estou feliz, assim, junto de você. Quer dizer que eu lhe agrado? – ela perguntou, sorrindo, e o beijou, sem esperar a resposta.

Lui lhe afirmou que voltaria.

De volta à sua cidade, Lui contava a Tales as experiências daquela viagem.

– Você tinha toda a razão, pois valeu a pena mesmo. Mas, como se fosse bom demais pra ser verdade acontecer só maravilhas, acabou acontecendo um fato desagradável.

E contou que, na viagem de volta, resolvera, por curiosidade, parar para conhecer uma das cidades na qual ele não havia parado na ida. Desceu do ônibus que vinha pela manhã e resolveu que lá ficaria, conhecendo lugares, até embarcar no ônibus da noite daquele mesmo dia. Depois, viria a descobrir que essa não tinha sido a sua melhor ideia, pois à tardinha, quando se encontrava sentado no banco de uma praça cheia de árvores, fora abordado por dois policiais que lá pararam numa viatura. Lui ficou surpreso, argumentou e depois protestou contra a rudeza sem justificativa de um dos policiais, o que só veio a piorar a situação, tendo sido ele levado na viatura para a delegacia, aonde não foi nada bem tratado. Para sua sorte, instantes depois conseguira se livrar da situação inóspita com a chegada do delegado, que se mostrou um homem frio, mas coerente, ante o controvertido relato do policial, contestado pela argumentação de Lui, que comprovou, inclusive, ter amigos policiais em sua cidade. Enquanto o liberava, o delegado alertou Lui, em tom de repreensão, que, nessas situações, principalmente onde não se conhece ninguém, o melhor caminho é usar o conhecimento a seu favor sem maiores questionamentos, até que se chegue diante de um superior que, geralmente, é uma pessoa que consegue distinguir melhor as coisas. Às vezes, – prosseguiu ele – é melhor contornar o obstáculo do que bater nele de frente. Lui esteve a ponto de falar ao delegado que isso não justificava um prejulgamento e agressões verbais, mas resignou-se a agradecê-lo e ir embora. Mais tarde, já prosseguindo a viagem de volta no ônibus, ele concluía, para sua própria admiração, que talvez o violão que levava consigo e a sua própria liberdade de poder estar sentado com ele numa praça teriam sido fatores que ajudaram a atrair para si a antipatia do policial. Estranhamente, os mesmos fatores que o ajudaram a conseguir tantos amigos nas outras cidades.

– Pelo menos tudo terminou bem – falou Tales. – Mas você sabe que, às vezes, acontece de se encontrar, em algumas áreas, pessoas cuja

autoridade ultrapassa a própria capacidade da formação para exercê-la.

– Eu sei disso – concordou Lui. – Mas, na verdade, isso tudo me valeu pra uma coisa: Ainda mais tarde, viajando, eu tentei me concentrar nas coisas boas da viagem e me lembrei de um menininho da periferia, aonde eu fui com o grupo da igreja. Na sua inocência, ele me pediu a bênção, como fazia com o padre, talvez, também, justamente pelo fato de não me conhecer. E, concatenando as coisas, eu acabei chegando à conclusão de que me ficou claro, ainda, que a cultura é um grande motivo para se lutar na vida, pois aquele mesmo menino, se não tiver acesso à cultura e à educação, pode vir a ser, daqui a uns tempos, um policial rancoroso como o que me prendeu.

– E isso o fez lembrar-se dos netos do pescador... que somos os netos dos pioneiros? – inquiriu Tales.

– É, você já está me conhecendo muito, amigo – sorriu Lui, agradecido.

– Por isso mesmo, sei que você deve e vai viajar outra vez, pois vejo que isso lhe fez muito bem.

– É, eu acho que você tem razão. Só faltou você me perguntar se isso tinha virado música.

Lui, com um ar risonho, foi buscar o violão:

*Varandas novas,
Portas trancadas,
Palavras rasas, tanta gente assim
Sonhos de mundo
No amanhecer
Nem sempre esperam ver o sol nascer
A vida,
Como a água do rio,*

*Não para de correr,
Não procura desvio
...e banha quem a procura.*

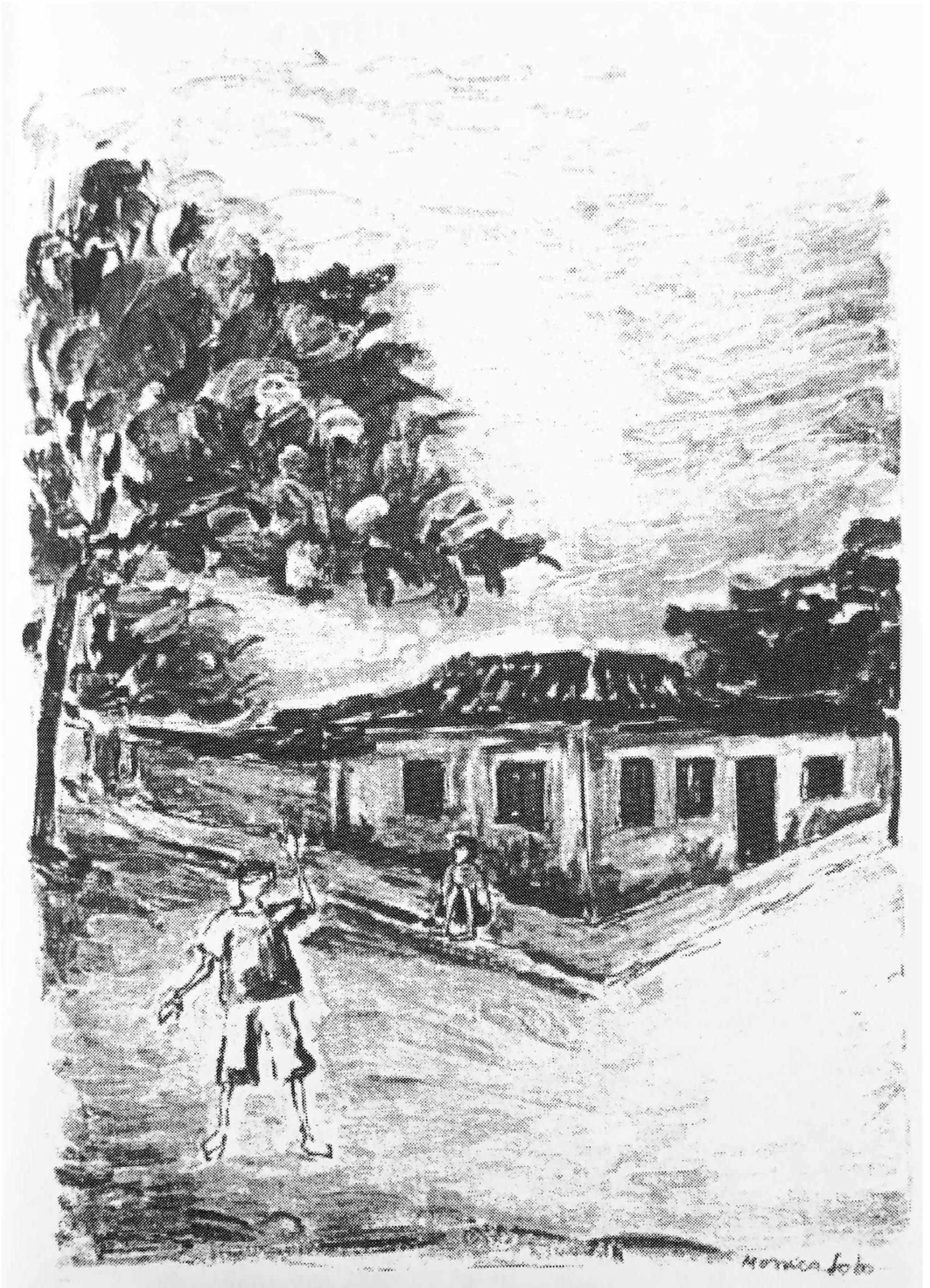
Clique e ouça a música **Portas Trancadas**



– Além de viajar, eu vou lhe dar mais um conselho: – falou Tales – Cante sempre assim, pois, é uma das melhores formas de você lutar pela nossa cultura.

Lui admirava verdadeiramente seu amigo. Na verdade, sempre haviam se dado bem, pensado nas coisas de uma forma racional e parecida, que os levava a resolverem facilmente suas poucas diferenças.

Maistarde, sozinho, Lui pensava sobre as semelhanças e teve despertada sua atenção de que percebera que, praticamente todas as cidades que visitara em sua região, tinham a presença marcante do rio e serra. Eles eram dispostos de maneiras diferentes em cada cidade, mas sempre lá estavam, lembrando a ele sobre a vida, sobre o tempo. Lui se sentiu um pouco como se houvesse nascido em cada uma daquelas cidades e lá tivesse conhecido o rio e a serra. E acabou adormecendo, enquanto se lembrava das muitas amizades que fizera em Bom Jardim, Piranhas, Iporá, Caiapônia, Jataí, Israelândia, São Luís de Montes Belos... todas com o seu rio e serra...



Mônica Lobo – ilustração

CAPÍTULO XVI

Lui acatou realmente o conselho do amigo, mas fez questão de estar junto, trabalhando na empresa, até o mês de maio, quando resolveu viajar novamente, aproveitando a ocasião de cantar em alguns festivais de música que, nessa época, aconteciam na região. Decidira, dessa vez, viajar em seu carro e, enquanto ficavam para trás o rio e a serra de sua cidade, ele cantava, decorando a letra da música que fizera, um dia atrás, quando estava na praia. A música trazia sua inseparável saudade de Naira, mas, ao mesmo tempo, reconhecia a existência e a procura de outros valores, como a doçura e vivacidade de Paula. No fundo, era uma canção para o Rio Araguaia.

*Meu pequeno mar
Me leva pro lado de lá
Na sombra do vento clareia
A luz que a sereia tem lá*

*Nesse mar eu quis
As brumas do meu tempo dissipar
Seio, seu segredo no ar
Fez meu mundo feliz*

*Nesse mar eu fiz
As dunas do carente coração
Selei o meu medo à canção
Que chorei pra voar*

*Meu pequeno mar
Me leva pro lado de lá
Na sombra do vento clareia
A luz que a sereia tem lá...*

Clique e ouça a música **Dunas**



Essa viagem de Lui também durou pouco mais de um mês e, na sua volta, nos primeiros dias de julho, ele confienciava a Tales as experiências e coincidências com a viagem anterior.

Ele conhecera outras pessoas, músicos das mais diversas tendências. Alguns com eminente potencial artístico, outros, apenas imitadores e outros, no meio desses dois caminhos. Conhecera várias moças, em várias cidades, e namorou duas delas. Aline acontecera pela sua exuberância, mas não chegara a ser marcante para Lui, pois seus comentários se limitavam e se perdiam na burguesia, que quase sempre prevalecia em seus amigos. Com Virna, já acontecera diferente. Era um ano mais velha que Lui, tinha uma beleza simples, de detalhes, de interior. Não era exuberante como Aline, mas sua presença fluía com uma marcante naturalidade que não chegava a ser percebida por todos. Andava um tanto introvertida, pois havia saído recentemente de um relacionamento de alguns anos e, por isso mesmo, queria agora namorar sem se envolver com intensidade. Talvez por isso mesmo, por viverem situações parecidas, pela vontade de viver sem muitas cobranças, a intensidade acabou acontecendo, brotando das conversas e confidências francas que tiveram e que, às vezes, misturavam-se, enganadoramente, com os sentidos de amizade e cumplicidade. E foi ela mesma que se encarregou de acabar com essa impressão de pessoa introvertida, por ocasião de um festival de outra cidade, onde foi com Lui. Ali, Virna deixou para trás o relacionamento passado e assumiu a imponência da

mulher que ele já a percebera ser. Não falaram de futuro, mas viveram o presente como se o fosse.

Lui, depois, passou por dois dias na cidade e na casa de Márcio e Paula. Lá, ela confessou que estava namorando um meio-primo seu, chamado Alberto, até mesmo, disse ela, porque Lui não lhe escrevera nenhuma carta.

Ele então contou a ela da situação em que fizera a viagem passada. Contou sobre os festivais, sobre Virna e desejou, mesmo, de coração, que Paula se desse bem com Alberto, pois, para ele, ela era uma pessoa que merecia muito da vida.

Tales ouvia tudo com grande interesse e, só de vez em quando, perguntava algum detalhe. Lui passou a narrar a ele sobre os três festivais dos quais participara, cantando a sua música *Meu Pequeno Mar*. Nas duas primeiras cidades, ele havia ganhado as premiações de primeiro lugar e melhor letra. Na terceira cidade, até para a surpresa do público, não obteve classificação. Ele também se surpreendeu, pois notara que, com exceção de duas, o nível das outras composições deixava muito a desejar. No outro dia, soubera que a desclassificação de sua música se dera pela opinião determinante do membro que presidia o corpo de jurados, um empresário bem-sucedido, dono dos dois mercados que existiam na cidade. Presentes em uma festa na casa dele, alguns amigos de Lui questionaram a desclassificação da música, o que o levou categoricamente a argumentar ser um amante da cultura regional, um divulgador do Araguaia, via nome de suas empresas e, que, por não vira na música *Meu Pequeno Mar* qualquer expressão cultural.

Lui ouviu todo o relato de um amigo e, ao final, observou que usar o nome do rio nas empresas, infelizmente, não significava ou dava, necessariamente, ao empresário, a sensibilidade para conceber a alma do próprio rio ou mesmo entender a sua cultura. A primeira coisa era

fácil, mas a segunda requeria estudo e dedicação especial.

– Ademais – finalizou –, o festival em si já valeu como encontro cultural.

Depois de se inteirar da viagem de Lui, Tales comentara que era curioso o fato de sempre ter que acontecer algum detalhe ruim no meio das coisas boas.

– É a dualidade das coisas – tentou interpretar Lui.

O assunto sobre dualidades levou Tales a falar a Lui sobre a sua preocupação com Tião e Ênio. Ambos tinham sido eleitos, pela oposição, com o mesmo discurso de renovação. Havia acontecido, porém, que Tião e seu partido surpreendentemente se compuseram com o prefeito e o grupo da situação, numa manobra inesperada que destacara Tião na Câmara, enquanto Ênio se mantivera coeso com a minoria oposicionista, da qual agora já assumia uma certa liderança. Obviamente era de se esperar que, mais cedo ou mais tarde, os amigos acabariam por entrar em situações de divergência quanto a projetos e votações. Tião lhe argumentara que a composição com o sistema era o caminho mais curto e certo para promover mudanças. Ênio não acreditava nisso e afirmava que Tião cedera muito cedo ao poder, sem sequer ter tido a experiência do exercício da oposição, para a qual tinha sido eleito.

– É uma outra dualidade – observou Lui, pensativo. – Mas nós temos que confiar que eles se entenderão e, no fim, darão o melhor de si para o bem da cidade e do povo. Afinal, foi por isso que lutamos.

– E, para completar dualidades, tenho para você uma boa notícia para compensar a outra: Nosso amigo Celso mostrou uma barraca de palha, um barzinho na praia. Como isso é novidade por aqui, só têm aparecido por lá pessoas alternativas e alegres. No fim da tarde, a barraca tem sido, portanto, uma boa opção para boas conversas, tocar violão e encontrar pessoas que se interessam pelo movimento cultural das cidades.

CAPÍTULO XVII

Tales tinha razão. A barraca ficava num bom lugar da praia, quase na altura onde Lui e Naira costumavam se encontrar, apenas um pouco mais longe da margem do rio. E, a partir daí, sempre lá estava Lui com novos amigos, conversando e tocando suas músicas de rio e serra. O pôr do sol e a fileira de coqueiros, do outro lado do rio, quase sempre o tirava, em espírito, do centro da turma. Vida sem hora, pensava em Naira.

Depois do mês de julho, Celso desmontou a barraca, devido ao final das férias. Ênio, às vezes, ia participar da rodada dos amigos no domingo, na cantina. Tião, porém, raramente aparecia e, mesmo quando o fazia, era rapidamente.

Tales também tinha razão de se preocupar com os dois amigos. O afastamento entre os dois se fazia público e notório, na medida em que o ano se findava. No plenário da Câmara, Ênio conclamara os vereadores para exigir da prefeitura a devida e melhor assistência educacional no município, pois, se a lei obrigava a quarta parte do orçamento, podia-se notar facilmente que sequer a metade disso estava sendo aplicada. Ênio defendera que o futuro do município pedia o desenvolvimento rural e industrial, mas passava também obrigatoriamente pela educação, cultura e escolaridade dos cidadãos e que, por isso, a irregularidade que ali se verificava era injustificável. Citou, enfim, a quantidade de crianças que estavam crescendo sem qualidade no ensino, ou mesmo, sem escola para estudar.

Para surpresa de Ênio, sua exposição foi contestada na palavra de Tião, que defendeu o quadro de aplicações como satisfatório, apesar das deficiências normais. Depois da sessão, Ênio lhe disse pessoalmente que não aceitava a sua contestação, pois o próprio Tião, com certeza, sabia que ele tinha razão e, então, os dois discutiram veementemente.

Lui soube de tudo isso e resolveu colocar sua posição para Ênio, que estava realmente chateado com Tião.

– Para mim – falou Lui –, nessa polêmica com o Tião, você está com toda a razão. Por coincidência, eu estive pensando bastante no significado de cultura e educação. Se pensarmos no homem como espécie, a cultura será todo o conhecimento que ele adquiriu desde a Idade da Pedra até o dia de hoje, em todas as áreas. Se considerarmos o homem como indivíduo, a cultura dele será toda a parte que ele conseguiu aprender no conjunto de conhecimentos de sua espécie. Por isso, para mim, a educação é a cultura didática. A educação é o conjunto básico da cultura que o homem desenvolveu em sua evolução e que deve ser ensinado ao homem que nasce hoje, como forma de incorporá-lo ao atual estágio da humanidade. É essa coisa básica que se ensina da matemática, história, linguagem, enfim, de todas as matérias escolares, que vai desenvolver e exercitar o seu poder de raciocínio para as situações normais ou inesperados da sua vida profissional e social. Finalizando, para mim, a educação e a cultura são a própria cidadania e, hoje, quem tem o poder e a responsabilidade de determinar essas aplicações são vocês, que foram eleitos para representar os cidadãos.

Ênio refletiu por alguns instantes e falou:

– É muito bom ouvir isso de você. Apesar de eu saber que tenho razão, é preciso de vez em quando receber a força dos amigos para seguir lutando.

Dias depois, Lui esteve conversando com Tião, mas desistiu de insistir em chegar ao fundo da questão, vendo que o amigo se postava cortês

e evasivo. Na verdade, ele conseguiu deixar a conversa centrada na afirmação de que ele sentia muita falta da rodada dos amigos, a qual não mais encontrava folga para ir.

Lui, diante disso, contou para Tales sobre as duas conversas com os amigos.

– É – falou Tales. – Eu não sei se eles entenderam exatamente a sua colocação. Eu mesmo preciso refletir mais, pois tenho comigo a visão simples de educação como escolas, cultura, como artes e consciência.

– Acontece que as artes e as ciências são as principais antenas da humanidade. São elas que se encarregam, através do trabalho de criações e descobertas, de conquistar os passos da evolução da cultura humana, apesar de que essa evolução seja administrada pelos políticos. Apenas por isso, quando se fala em cultura, nos vem principalmente a imagem de artistas, cientistas, seus povos e seus países. Nós também sabemos que a própria política, em si, é também é uma ciência; mas me diga se você tem visto por aqui alguma expressão com perfil de cientista político...

– Analisando assim, sem dúvida que a resposta é não.

– Pois é. E isso é uma questão simples de se estudar a fundo a profissão ou cargo que se exerça. Estudar cientificamente, é claro.

– Então já passa a não ser tão simples assim – ponderou Tales. – Seria simples pra você apregoar um homem totalmente culto?

– Um homem totalmente culto eu sei que é impossível. Ele teria que conhecer todos os povos, línguas, histórias e lugares do universo. Mas um homem pode tornar-se muito culto a partir de quando ele se conceba como espécie. Um homem culto enxerga através do tempo e consegue imaginar que poderia seu eu, você ou cada pessoa que ele vê. E existem muitos homens cultos, no passado e no presente, para nos servir de exemplos.

CAPÍTULO XVIII

Até o princípio do mês de maio de 1984, Lui se dedicou a trabalhar na empresa ao lado de Tales, embora tivesse feito algumas viagens, em fins de semana e ido a festivais. Ele havia estado, também rapidamente, em Torixoréu, onde visitou a filha do pescador e por ela ficou sabendo que ele havia falecido no início do ano. Só nesse momento veio a saber que ele era conhecido como “Sêo Chico Boto”. Lui lamentou muito em seu coração e percebeu que falhara quando não se lembrou de vir ali para tentar localizar o pescador e assim encontrar a única pessoa que talvez pudesse ajudar a saber de Naira. A grande tristeza – pensou –, como a euforia, às vezes, nos esconde um pouco da razão.

Decidido, agora, a fazer outra viagem mais longa, ele já havia estado em Poxoréu, Rondonópolis, Cuiabá e se encontrava em Chapada dos Guimarães, pois resolvera conhecer mais de Mato Grosso.

Lui ficara maravilhado com a natureza de Chapada, sua geografia, sua cultura própria e seus santuários, que não se limitavam às belas e numerosas cachoeiras. Casa de Pedra, Caverna do Francês, Véu de Noiva, tantos apelos naturais que Lui não resistiu em comparar Chapada com a sua Serra Azul, só que numa proporção imensamente maior.

Lá, também, ele conheceu muitas pessoas, fez amigos e amigas e se admirava verdadeiramente da diferença do sotaque lá falado para o de sua terra, distante dali menos de 500 quilômetros e no mesmo estado.

Veio a saber logo que essa diferença era resultado da origem do povo que formou as duas regiões. Chapada não tinha sido, obviamente, formada por nordestinos. No entanto, aquela lua cheia era a mesma. E derramava a mesma magia do Araguaia, incitando as noites de violão com os vários amigos músicos que lá conhecera. Lui pensava em quantas coisas e lugares bonitos ainda havia para ele conhecer no mundo. Ele, que já conhecera tantos lugares, mas sequer ainda conhecera o mar.

E foi comentando sobre isso que ele conheceu Iza. Ela nascera numa cidade à beira-mar, e ali se encontrava de passagem com um grupo de amigos que havia optado por viver um tempo viajando, e assim se desligarem das concentrações populares e do sistema político e materialista que existia em torno delas. Eram pessoas alegres, com um aguçado e divertido senso crítico. Falavam e conheciam de muitas situações, fatos e movimentos musicais do Brasil e de outros países. Talvez, também, por ser músico, Lui tenha sido fraternalmente acolhido e até convidado a se integrar ao grupo onde aconteceu o seu envolvimento com ela.

Iza tinha uma beleza sensual que, simplesmente, ao ver de Lui, projetava-se além das roupas soltas e coloridas que habitualmente usava. Pele clara, vagamente bronzeada, cabelos longos, oscilantes entre o loiro e o castanho, houvera despertado tanto interesse em Lui, talvez mais pela espontaneidade com que falava sobre tudo e de situações de suas viagens. Ele se integrou a ela, ao grupo, e seguiu viagem com eles para o norte de Mato Grosso.

O grupo alternava-se, alguns viajando em uma kombi, principalmente, mas não necessariamente as mulheres, outros seguiam de ônibus, e alguns, de carona, sempre com destino a uma determinada cidade, onde geralmente preferiam ficar em acampamentos que montavam.

Para Lui, que era fascinado pela natureza e em conversas sobre a vida, Iza trazia uma nova sensualidade com a liberdade que exercia naturalmente junto a ele, em meio ao grupo de amigos. Com eles, Lui aprendeu muito e rapidamente sobre raízes, folhas, chás, alimentação e orações naturais do grupo, que funcionavam como uma terapia e pacto de autossustentação dos propósitos que os reunira.

Ele concordara com Iza quando ela criticara a alienação e a mediocridade de uma parte das pessoas ricas, que juntam dinheiro e poder a vida toda, e morrem sem ter o prazer de viajar e conhecer o mundo, sem dar ou passar experiência para os filhos.

E foi sobre filhos que Lui pensou quando o grupo resolveu seguir viagem para o Acre. Durante as viagens, ele e o grupo haviam se deparado com várias calamidades de destruição da natureza. Haviam se estarecido e criticado muito entre si, mas não estavam fazendo nada de efetivo para que os filhos pudessem, no futuro, fazer as mesmas viagens. Sem uma posição de luta efetiva, os filhos não iriam encontrar sequer aqueles locais de acampamento preservados e talvez nem tivessem motivação para repetir aquela postura contestadora da viagem.

Lui os admirava, sentia-se muito bem entre eles, mas começava a se sentir omissos em relação às mudanças que defendia e, por isso mesmo, desistiu de ir para o Acre, apesar de, assim, ter que deixar Iza.

CAPÍTULO XIX

No começo do mês de julho, Lui retornava à sua cidade. Depois de conversar longamente com Tales sobre sua viagem, os dois foram à praia no fim de semana. Na praia, além da barraca de Celso, já existiam outras três barracas montadas, todas de palha e funcionando com bar e lanches. Durante aquele mês, Lui reencontrou vários amigos e amigas que fizera em suas viagens. Eles vieram à Barra no mês de julho para passear e desfrutar da temporada de férias e praia, assim como outros tantos turistas, geralmente conhecidos ou convidados por alguém da cidade que estudava nas capitais. A beleza do lugar também começava a criar fama.

Ênio e Tião realmente não se acertavam. Tales contou a Lui que Ênio lhe confidenciara sobre estar acontecendo ocupação de áreas públicas, inclusive, por parte de pessoas ligadas ao próprio governo. Essas ocupações atingiam, ressaltara ele, áreas da Serra Azul, incluindo área de córregos e cachoeiras, onde já podiam se ver algumas cercas de chácaras que surgiam anonimamente.

As cachoeiras, que sempre estiveram lá, deixadas como desimportantes, começavam agora a chamar a atenção para uma futura valorização, até mesmo porque já estavam sendo visitadas por alguns turistas.

– Meu Deus! – exclamou Lui – Será que as coisas, ao invés de tomar rumo certo, vão mesmo é piorar? Você lembra quando eu falei que a praia era uma das poucas coisas que nos pertencia a todos? Será que essas pessoas não têm a consciência de enxergar que o único

patrimônio de um menino pobre, que nasce aqui, são essas belezas naturais que ele ainda pode desfrutar? E agora, além de não estarem lhe dando nem escola e nem qualidade, ainda vão lhe tirar esse único patrimônio? Na verdade, isso é roubar patrimônio de todo mundo daqui, incluindo pobre e rico – desabafou Lui, inconformado.

– É justamente assim que penso – falou Tales. – Acho que os córregos e cachoeiras têm que ser preservados e, mesmo que no futuro eles sejam explorados turisticamente, o lucro dessa exploração tem que ser revertido para essas crianças. E é pensando nisso que eu e Ênio temos conversado com outros amigos para estudar a criação de um mecanismo ou entidade ecológica que lute por essa preservação.

– Essa é uma grande ideia – animou-se Lui. – E quanto a Tião, comentou alguma coisa a respeito das invasões?

– Segundo Ênio, ele tem feito vistas grossas. Na verdade, nem eu mesmo tenho visto Tião, a não ser de passagem. Só estou sabendo que ele tem se dado muito bem financeiramente, crescendo muito, e isso não tem me dado uma boa impressão, pois Ênio, com o mesmo salário, diz que isso é impossível.

CAPÍTULO XX

Em 1985, Tião, mostrando-se exímio negociador, assumia surpreendentemente a Prefeitura Municipal. Aconteceu que o vice-prefeito, ainda no início do mandato, perdera a vida em um acidente de carro, enquanto o prefeito, aos poucos com a saúde extremamente debilitada, acabara por se afastar deliberadamente do cargo, propiciando que Tião assumisse a prefeitura, já que era o atual presidente da Câmara, posição à qual houvera sido alçado há pouco tempo. Esse fato, inclusive, influenciou a decisão de afastamento do prefeito. Ele tinha grande confiança em Tião que, desde o início do seu governo, tornara-se seu fiel aliado, chegando mesmo a terem uma promissora empresa em sociedade.

Além das viagens de fins de semana que fazia uma vez ao mês às capitais e algumas cidades de Mato Grosso e Goiás, Lui reservou uma viagem mais longa, em maio, para conhecer a região do Baixo Araguaia. Ao passar por Nova Xavantina, novamente a coincidência das cidades com Rio e Serra lhe chamou a atenção. Conheceu Luciara, São Félix e ficou realmente deslumbrado com a grandeza que o Rio Araguaia lá apresentava, depois de já haver recebido outros afluentes. As praias também eram maiores, mais extensas, majestosas e serviram, durante duas semanas, de cenário para ele se inteirar de outras estórias e lutas da região, retornando então para sua cidade.

O mês de julho desse ano já trouxe a praia com grande movimento nas oito barracas que lá foram montadas. Moças e rapazes, universitários

de Goiânia e Cuiabá, juntavam-se à juventude local, que já em grande quantidade prestigiava os shows de música ao vivo nas barracas, com artistas da terra e dos mais diversos lugares, que acabavam tocando pelo prazer próprio e o intercâmbio de ideias.

Numa das noites de quarto crescente, em São Félix do Araguaia, pensando na vida como momento de rio e serra, Lui sentira uma estranha sensação de presença no rio e se perguntara se Naira não estava ou esteve por ali. Será que poderia ser verdade aquela estória dela ser filha de Iara, e por isso sumira daquela forma misteriosa? Ora – pensou Lui –, hoje eu estou com a imaginação fértil mesmo...

No entanto, agora, na sua praia, vendo tantas moças bonitas da sua terra e região, Lui ousava continuar aquele raciocínio. Por que Naira não podia ser mesmo a filha da Iara? Talvez ela viera justamente para lhe dar a visão de que todas aquelas mulheres no Araguaia eram filhas da Iara e que ela, Naira, poderia estar em qualquer uma delas.

E sentiu-se feliz, dando plena liberdade à sua imaginação, Tales também notou que Lui, afinal, interessava-se completamente por tudo que o cercava, retomando, inclusive, o contato alegre com as antigas amigas da cidade.

No final de julho, Lui vivera momentos de pura alegria no clima das férias e seus romances. Na carteira, ele havia guardado uma cópia do que escrevera e fora levado por Marcela:

*Quando os rios nos dão suas calçadas
A filha da Iara, herdeira dos rios
Se mistura com o povo na praia
Vem saber do amor da terra
Falar da preservação dos homens*

*Dos rios, das serras
E deixa um canto saudoso no ar
Enquanto nada pra casa
No final da temporada*

CAPÍTULO XXI

Em 1986, algumas músicas de Lui já eram bastante conhecidas, fato que lhe rendeu vários convites para apresentações nas Universidades de Goiânia, Brasília e Cuiabá. Ele se orgulhava, agora, de estar divulgando sua terra, trabalhando pela cultura e fazia isso sempre em suas viagens rápidas, colhendo ou revendo, aqui e ali, amizades e admiradores.

Em maio, viajou para conhecer o Araguaia na cidade de Aruanã. Na volta, como ele mesmo planejara, foi conhecer a Cidade de Goiás. Goiás, que já foi capital do estado, era mesmo uma cidade onde se podia respirar a riqueza da história, em suas ruas estreitas com calçamento de pedras, em suas igrejas e arquiteturas. Ele lembrou que tivera essa mesma impressão em sua viagem a Baliza. Algumas pessoas também passavam a Lui essa impressão de grandeza, de ver através do tempo, e ali, Goiás, era a cidade de uma delas. Por isso mesmo, ele foi conhecer a casa onde morara Cora Coralina. Lá, ele se sentiu estranhamente emocionado, quando viu ali, novamente, o rio e serra. Ficou impressionado, tal como ficara quando lera pela primeira vez os versos de poetisa. O pequeno rio passava dentro da cidade, exatamente aos pés da casa dela e, saindo-se da casa, atravessando-se a pequena ponte, um olhar à esquerda descortinava a serra que circundava a cidade. Na expressão serena de Lui brotou um sorriso de carinho e respeito.

Voltando a Barra, numa das primeiras noites de junho, Lui fazia

música ao vivo, num restaurante da cidade, quando notou o raro fato da presença de Tião, agora mais conhecido como Sebastião Pontes, prefeito da cidade, que não tardou a lhe mandar um bilhete, pedindo uma música, por um dos diversos assessores que o rodeavam.

Lui atendeu a música pedida e, em seguida, cantou para Tião uma de suas novas composições:

*Nós,
Amigos distantes,
Senhores de instantes
Corrente de nós
Nós
Sementes amantes,
Andantes da estrada
Do grito sem voz,
Da sina sem tempo,
Do choro sem pranto,
Da dor sem alento,
Do longo momento,
Corrente de nós*

*Nós que amamos tanto, nós
Que procuramos juntos, nós
Sem conhecer
Nós que erramos tanto, nós
Nós que sonhamos juntos, nós
Para viver
Nós, a cada hora um tempo a viver
A cada tempo a hora de lutar
A cada luta cair ou vencer
Enquanto lutas a vida guardar*

*Nós, cada vitória um sonho a querer
A cada sonho um passo a dar
A cada passo uma estrada a trilhar
Enquanto estradas a vida ceder*

Clique e ouça a música **Nós**



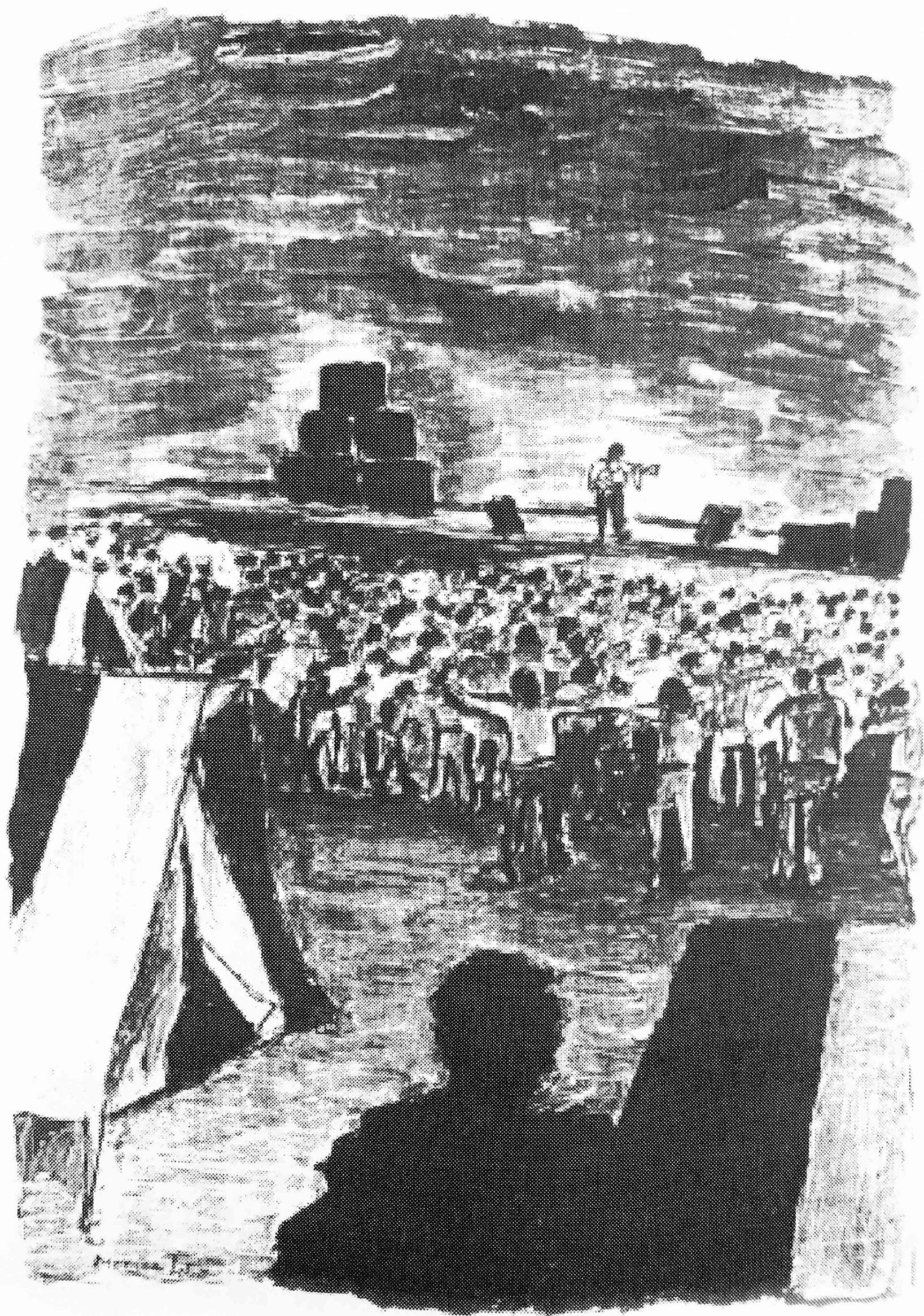
Mais tarde, sentado a sua mesa e a seu convite, Lui aproveitava o meio de sua conversa com Tião para pedir-lhe que agisse com mais vigor no turismo, educação, cultura e meio ambiente. Dessa vez, Tião não foi evasivo, mas argumentou que o turismo na praia era problema da prefeitura da vizinha Aragarças, pois lá ficava a praia.

– Mas, Tião – protestou Lui –, você sabe que os turistas acabam deixando recursos é nos hotéis, restaurantes e comércio da Barra. Não custaria unir as prefeituras... Além disso, os problemas que podem surgir com um turismo sem estrutura, sejam de delinquência ou de doenças contagiosas, envolvendo até menores, são problemas também daqui, pois o povo, no fundo, é o mesmo.

– Infelizmente, nem se quisesse agora eu poderia ajudar. Não me é conveniente agora mexer com isso agora, pois já entro em campanha para Deputado Estadual e, ganhando, não estarei mais na Prefeitura. Eu estou achando que você está muito incutido com essas coisas, Lui...

– E eu acho que você aderiu mesmo ao sistema, amigo – Lui falou, enquanto se retirava da mesa.

Nos meses seguintes, ele teve a certeza de que tinha razão, pois Tião foi eleito deputado usando fortemente os mesmos ardis de compra de votos que tanto criticara anteriormente.



Mônica Lobo – ilustração

CAPÍTULO XXII

No início de 1987, Tales, Lui e outros amigos percebiam que o substituto de Tião tampouco nada fazia pela cultura e meio ambiente e, por isso mesmo, agilizaram, de vez, a concretização do movimento de defesa local, fundando a esperada entidade ecológica.

Depois de muito trabalho, na temporada de julho do mesmo ano, acontecia o I Encontro Ecológico Musical do Vale do Araguaia, organizado pela Entidade criada. Nesse encontro, que se tornaria um referencial na história da cultura do Centro-Oeste, reuniram-se mais de oitenta compositores e músicos, que se apresentaram em um grande palco montado na praia, durante os quatro trabalhosos e inesquecíveis dias de sua duração. Em clubes da cidade, paralelamente, reuniam-se representantes indígenas da região, para discutirem e apresentarem problemas, reivindicações e sugestões, junto com estudiosos da área. Nomes de destaque no movimento ecológico nacional ministraram palestras e reflexões sobre diversos temas. Capoeiristas da região e de outras partes do Brasil se fizeram presentes, assim como representantes de Entidades.

Ênio preferiu não participar diretamente da Entidade, mas conseguira recursos para o evento junto a um deputado de quem era amigo. Todos os membros da entidade se desdobraram na organização e conseguiram apoio financeiro de empresas locais.

O público, na praia repleta, entusiasmou-se com as apresentações dos cantores da terra, grupos de Cuiabá, Goiânia, Brasília, Campo

Grande, Minas Gerais e de alguns artistas de nome nacional, além de performances improvisadas de pintura e dança. Lui apresentou ali uma nova música:

*A morena cantou
O seu canto ritual de vida nas matas centrais
E nasceram os pais
Que passaram a história pra nós
Que lutamos viola e voz
Berrantes, bois no mundo*

*E deixamos quintais
De estrelas, de mangas, cajus, romãs, interior
As danças e forrós
Que marcaram o amor e a dor
Que deixaram saudades demais
Nas ruas das capitais*

*Faculdade da vida
Vão formando casais
As crianças crescidas perseguem a paz
Estrelas de Goiânia, belas Minas Gerais
Cuiabá, Campo Grande, cantos regionais*

*Se do norte ganhamos tambor
Se do sul temos claros sinais
Coração do Brasil preparou o seu destino de paz
Quanta chuva já se derramou
Quantas luas falaram de amor
Dos guerreiros, violas, punhais
No mesmo grito de paz*

*A morena cantou
O seu canto ritual de vida nas matas centrais
E nos versos mostrou
As fazendas, as florestas, os currais
A decência dos seus animais
No mesmo campo de paz*

*A guerreira rodou
Sua saia planalto central sob o som do tambor
E, menina, chorou
Sua boca de índia tremeu
Suas pernas falaram de amor
Na mesma dança da paz*

*Águas e cachoeiras
Na Chapada, sinais
As crianças crescidas perseguem a paz
Estrelas de Goiânia, belas minas gerais
Pelas noites da Barra cantos regionais*

*Cururu, siriri, Cuiabá
As catiras, folias, Goiás
Campo Grande, o trem vai chegar
Ao seu destino de paz
Cantam bichos pelo pantanal,
Araguaia Morenas tribais,
Em Brasília berrantes e bois
Na guerra dos capitais*

Ao término do I Encontro Ecológico Musical do Vale do Araguaia, foi assinado o documento final, resultado das palestras e reuniões.

O documento registrava as irregularidades crescentes, pedia às autoridades pela preservação do Araguaia e atenção às suas nascentes e de seu afluente rio das Garças. Pedia a criação, por lei, do Parque da Serra Azul, atenção verdadeira às tribos indígenas, investimento na educação e qualidade de ensino, estudos mais detalhados sobre impactos de construções de hidrelétricas e, finalmente, a valorização da produção artística regional, pela qual os meios de comunicação poderiam dedicar um justo percentual da programação para execução dos trabalhos contidos nos mais de quarenta discos independentes, e outras atividades culturais cujos representantes se manifestaram no encontro.

O documento continha exposições e reivindicações cuidadosamente estudadas e, inclusive, era também dirigido aos deputados que haviam sido eleitos como constituintes. Um deles, participante do Encontro, encarregar-se-ia de ser o seu portador e representante.

Barra do Garças e Aragarças ganharam folhas inteiras nos jornais do Centro-Oeste, matérias em jornais importantes do país e, inclusive, no começo do mês de agosto, o encontro era citado em reportagem da revista *Veja*.

Justamente quando Lui e os amigos se sentiam realizados com o total sucesso do Encontro, aconteceu o inesperado. A partir do momento em que artistas, jornalistas e pessoas de outras cidades foram embora, um radialista que há pouco tempo chegara e recebera a direção de uma emissora da cidade passara a criticar o Encontro de forma infundada e até violenta. Ele havia sido convidado para cobrir o evento ao vivo, como fizera outra rádio. Não o fez, talvez por não conseguir visualizar a grandeza e a repercussão final alcançada e, agora, para manter o seu emprego, ou, quem sabe, para, forçosamente, ser inserido no fato que dominara toda a atenção das cidades, dedicava seu próprio programa a críticas deturpadoras e caluniosas. Entre outras coisas piores, ele

falava que o Encontro fora nocivo às cidades, às suas famílias, ao pudor, mau exemplo para as crianças etc. Falava sobre os organizadores como abusados e outros absurdos do gênero.

Tales tentou o apoio nas rádios, com vários amigos também radialistas, que, inclusive, haviam participado, com entusiasmo, do Encontro, mas eles alegaram que não poderiam afrontar o diretor, cuja carta branca política vinha de cima. Tales, então, conseguiu direito a resposta no programa. E o exerceu, levando os jornais, a própria *Veja*, fazendo ver que o radialista, chegado há pouco, era quem realmente caluniava as famílias das cidades que, em grande número, também assistiram aos shows, na praia. Depois da resposta, porém, nos dias que se seguiram, o radialista a ignorou e continuou a campanha difamatória. Em rádio, costuma-se dizer que a mentira várias vezes afirmada acaba virando verdade. E assim, pelo menos na cidade, uma só pessoa mal-intencionada conseguia tirar o brilho de mais de meio ano de trabalho sério de várias outras.

A maioria dos membros da Entidade optou, tal qual Ênio, por se manter calada, não alimentando a polêmica. Afinal, a situação era desfavorável, em virtude de a outra parte poder usufruir dos microfones da emissora como bem entendesse,

Sabendo que o deputado Sebastião Pontes se encontrava na cidade, Lui foi procurá-lo.

– Essa situação é inaceitável, Tião. E você pode e deve nos ajudar a resolvê-la, até porque, também, gente de sua família compareceu ao Encontro e nos parabenizou pelo evento. O tal radialista genericamente tem ofendido a todos.

– É preciso – respondeu Tião – se saber jogar com o padrão social e com os valores do sistema. O que eu tenho sabido é que vocês nem sempre têm respeitado esses valores e, por isso, acabam entrando em

confronto com interesses de pessoas do poder.

– O que é preciso, ainda mais, é que respeitemos, com coerência, o valor da nossa própria geração, preservando um pouco o lugar e preparando uma perspectiva para nossos filhos. E é justamente nisso que você não está sabendo nos representar. Como poderemos explicar aos nossos filhos o que fazíamos hoje, se as coisas continuarem piorando assim?!

– Está vendo? – bradou Tião, irritado – Você me procura para me dizer coisas abusadas. Se você quer mesmo me desafiar, eu vou lhe mostrar por que vocês devem respeitar o sistema. Você verá que, nesta cidade, só vão subir pessoas que eu quiser.

– A intenção não foi essa, mas se você escolher esse caminho, vai ter que trair seus amigos de forma ainda mais clara e assumida.

Sabendo do ocorrido, Tales ainda telefonou para Tião que, ainda irritado, afirmou que Lui havia se transformado num crítico *bon vivant* que só queria saber de festas, namorar e contestar tudo, gratuitamente.

– Você está enganado, Tião – ponderou Tales. – Lui é muito trabalhador e a qualidade do seu trabalho é uma das grandes responsáveis pelo crescimento da nossa empresa.

Tião, certamente, teve a sua irritação aumentada.

CAPÍTULO XXIII

Os anos que se passaram trouxeram dificuldades que só reforçaram o poder de Tião. Os problemas econômicos do país, a falência do Plano Cruzado, a inflação e a ciranda financeira fortaleciam os que mais tinham dinheiro, tirando perspectivas do povo e inviabilizando, cada vez mais, as iniciativas e produções de caráter cultural, principalmente as regionalistas, que sempre tinham que enfrentar o desapoio que Tião prometera e cumpria.

Mesmo assim, com persistência, em agosto de 1990, Lui dirigia a representação de uma pequena peça num palco e ambiente teatral improvisado na Cantina, que, agora, já estava com o seu espaço aumentado:

Primeiro Ato

As cortinas se abrem e a iluminação focaliza os dois personagens principais, um violeiro e um político, vestidos a caráter. Depois de algumas brincadeiras, apresentações e diálogo com o público, o violeiro começa a cantar:

Primo Tião, Sebastião Chaves

Me explica, por favô

As vorta assucedida

No juízo do sinhô

Rapaz de sonho curtido,

De braço trabaiadô

*Mudô o rumo, o sentido
Da prosa que o levantô?*

*Virô rei em pouco tempo
Comprô carro e tratô
Comprô gado e fazenda
Até rádio já montô
Não se lembra o acordo
De ser fiel zeladô
Do povo da região,
Dos neto do pescadô?*

*Não pense que desconheço
Mais de mil cê ajudô
Só que o povo é muito mais
Explica pros que sobrô
Cada um deles é gente
Que precisa do sinhô
Você viu eles contente
Nas festas que organizô*

*Nos comícios, nas quermesse
O povo vai com ardô
Eu conheço, cê conhece
Povo simples, sonhadô
Às vezes acomodado
Rezando pro Criadô
Parecem menos que o Estado
Que deles foi que brotô*

*Se esse Estado não pode
Aliviá cada dô*

*Dar, saúde e moradia
Pra cada trabaiadô
Ao menos não negue escola
Pros fio que ele criô
É crime desprezá ele
E destruir seus valô*

*Valô do povo, Tião
Você sabe como eu
São as coisas pra acreditá
Muitas os pais que lhe deu
Suas reza, suas lenda,
História para contá
Folclores, vestes, merenda
E o jeitão de falá
Suas cantiga, suas dança
Seus dito e de comê
Seus causos para as criança
Do povo é esse o prazê*

*O povo é essa cultura
E mais o que assimila
passando de pai para fio,
Desenvolvendo o lugá
Religião, misticismo,
Povo é alma milená
Acumulando em Deus
O que não dá pra explicá*

*Tião sabe que nem eu
Que o homem sem estudá
Se crente, dará a Deus*

*Muito mais o que arrumá
Quanto mais simples o povo
Maior labor Deus terá
Maior valô seus valores
Isso é existenciá*

*Tudo bem, televisão
Traz de tudo, boa e má
Conquista, amor e tragédia
Nacioná e mundiá
Mas televisão não é
A realidade locá
Vai incutindo na gente
Uma vivência anormá*

*Atrelando pai e fio
Na fantasia irreá
Adiando as providências
Um zanza lá, outro, cá
O rádio sempre ligado
Só fala o que Tião mandá
Infernizando o coitado
Que se atrexe discordá*

*Meninos só querem o bão
Moça só qué desfilá
E vão perdendo a atração
Pelo afazê de estudá
Os exemplo não ajuda
Tão aí para prová
Muitos mestre da cidade
Na miséria, a pena*

*Enquanto alguns sem passado
Conseguiram se aprumá
Hoje pra subir na vida
Tem que sabê lhe adulá
E a roda de aduladô
Ajudô a lhe mudá
Ao invés dos valô do povo
É Tião pra lá, Tião pra cá*

A iluminação, que pouco a pouco havia se fechado no violeiro, volta agora a enquadrar o político e ele começa a cantar de um jeito meio discursado:

*Meu caro Zé Cantador
Me surpreende lhe ver
Tocar tão bem a viola
E os fatos desconhecer
Foi trabalho descabido
Caminhos que percorri
Pra chegar bem-sucedido
Ao lugar que mereci
São incontáveis viagens
Interior... capital
Envergando a bandeira
De minha terra natal
E foi querer desse povo
Provando o meu bem-servir
Me eleger para o Estado
Pra mais tarefa assumir*

*Trouxe progresso, asfalto,
Órgãos governamentais,
Trouxe estradas, trouxe escolas
E outras obras gerais
A quantas, quantas pessoas
Dei emprego e servi
Como Carlos, Juca, Olavo
Apadrinhei, fiz subir*

*Os bens que acumulei
Maioria está aqui
Pra engrandecer a região
Que eu tanto defendi
Minha fazenda, meu gado
Consegui nesse labor
E além de servir o Estado
Me fiz grande produtor
Se até rádio eu montei
Foi pra crescer a cidade
E ainda muito farei
Trazendo a modernidade
Você se esquece, eu sei
Que eu trouxe também o estádio
Que Osmar eu ajudei
Amâncio, empreguei na rádio
Por isso me admira
Ouvir do primo cantor
Palavras de quem atira
Num sabido traidor
Atingindo com maldade
Um defensor do seu povo
Benfeitor da sociedade*

*Lutando pelo que é novo
Mas o povo também sabe
Mais fácil sempre será
Ficar tocando viola
Ao invés de fazer, falar
Ser contra a modernidade
De nada vai lhe adiantar
Pois ela é inevitável
Pro futuro do lugar*

Repete-se o jogo da iluminação e o violeiro volta a cantar:

*Coisa de se admirá
Esse seu belo falado
Só que não mostra os dois lado
Que a gente tem que enxergá
Contrário à modernidade
Jamais seria ou serei
O sentido que falei
É de outra necessidade*

*Bendito tudo que é novo
Toda tecnologia
Os bem cuja serventia
Vem pra ajudá o povo
Mas o sinhô nem lembrô
Que para sê ideá
Num deveria apartá
O povo dos seus valô*

*O povo sem seus valô
Vira um passarim fechado
Vai ficando destreinado
Dependente de fazô
Esses fazô do podê
Que cê tem cada vez mais
Mas isso não satisfaz
O sinhô vai me entendê*

*Se só dinheiro valê
Fazendo um povo servil
Vem outro com o mesmo ardil
E rouba o povo d'ocê
E o povo condicionado
já não vai sabê julgá
Sem cultura de opiná
Pois isso lhe foi tirado*

*O estádio que foi trazido
Foi mais pra fazê comício
Pois nele desde o início
Não funcionô o devido
A parte recreativa
Serve só uma minoria
E pros jovens nem um dia
De educação esportiva*

*Teatro o sinhô não fez
Cinema até já acabô
Museu o sinhô nem pensô
E nem fez cumpri as lei
Incentivando a cultura*

*E os valô regioná
Vai, pois, onde se enxergá
O povo nessa mistura?
Privado de sua história
Dos próprio erro e acerto
Vira eleitô de cabresto
Perde essência e memória
Pra cada escola que veio
Precisava outras tanta
Pra cabê todas as criança
E não educá pelo meio*

*Será que o nobre dotô
Em nome do que é o novo
Não tá misturando o povo
Com o gado que comprô?
Comprô mais fazenda, empresa
Uma nem tá no seu nome
Tem muitos passando fome
Pro sinhô dobrá a riqueza*

*Falô dos mil que ajudô
Como Amâncio e André
Mas não diz dos zé-mané
Que o sinhô desempregô
Mandô pra rua Agenô
E tantos pais de famia
Na medida que sabia
Que não votô no sinhô*

*Lembra de Aninha, de Guida
Que empregô na capitá*

*Pra mode cumê lhe dá
Queriam subi na vida
Com tanto amô pra comprá
Maió ou menó de idade
Até fia de cumade
Pro sinhô é carnavá*

*Repara na quantidade
De rumo que ocê mudô
Na prosa que o levantô
Isso não era verdade
Esqueceu o combinado
De sê fiel zeladô
Dos neto do pescadô
Do povo e do povoado?*

A iluminação vai se abrindo, enquadrando pouco a pouco mais três personagens representando bajuladores do político.

O Político

*Logo você, cantador
Que diz ter tanta vivência
Me vem com incoerência
Me censurando o amor?
O amor na vida é tudo
E moça bem assistida
Da experiência vivida
Pode até vencer no estudo*

*Justo você que é cantor,
Vive de moça rodeado
E se bem observado
Vive trocando de amor*

O Violeiro

Mas não é amor comprado!

O Político

*Loura, mulata, morena
Você cultua o bonito
Você canta e eu admito
Que todo amor vale a pena*

O Violeiro

Mas não é só isso o meu dito!

O Político

*Isso é hipocrisia
Se eu nisso acreditasse
E de trabalhar parasse
Como estaria este Estado?*

Um dos bajuladores

Patrão, muito bem lembrado!

O Político

*Famílias que ganham o pão
Nos meus imóveis e empresas
O que teriam em suas mesas:
Poesia e violão?*

Outro empregado

Dá nele, grande patrão!

O Político

*E quem deles cuidaria
Fazendo mais do que eu faço
Você faria no braço
Meu trabalho e correria?
Por que não enfrentou o esquema
E não se candidatou
Pra poder o que falou
Ao invés de só ver problema?*

O Violeiro

*Será que o dotô não entende
Aí que tá o pecado
Eu povo, você Estado
Fazendo o que mal me atende
Ao não me candidatá
Eu votava no sinhô
Fazia nascê o dotô*

*Para me representá
As obras que ocê falô
Veio do dinheiro do povo
Que o Estado arrecadô
Até mesmo o seu salário
É tirado desse erário
Por isso que eu não te louvo*

*Pouca alma e muito esforço
Seu braço é trabaiadô
Mas no que administrô
Você ficô milionário
E o povo sem seus valô
Levando a vida no dorso
Que adianta essas obra
Tirando do povo a história
Criando o pobre sem glória
Você me contrariô
E eu tô mal representado
Por confiá no sinhô
Que traiu nossos valô
E não qué sê criticado*

Um dos bajuladores, tocando o braço do Político:

Isso foi desaforado

O Violeiro

Finalizando a questão

*Prefiro tocá viola
Fazê da moda uma escola
Pra cantá nesse mundão
Se assim pra aprumá eu custo
Trago em paz a minha mente
Canto coisas da minha gente
Não sou rico, mas sou justo*

Um bajulador

Patrão, toca esse incidente

Outro bajulador

*Eu bem que avisei o patrão
Que era perda de tempo
Tratar com esse elemento
Que não guarda gratidão*

O Político

*É mesmo, cê tem razão
Ele não merece ouvido
Retire esse atrevido
Agora desse salão*

Um dos empregados começa a empurrar o violeiro, que reage:

Calma lá com o pretendido!

O empregado fica indeciso e o Violeiro diz a ele:

*Seu patrão tá distraído
Não posso ser enxotado
Desse salão do Estado
Com imposto construído*

O empregado volta até onde está o Político e pergunta:

Patrão, cê se distraiu?

O Político, irritado:

*Você que tá distraído
Se deixando confundir
Não tem mais patrão aqui,
pois você tá despedido!*

O empregado, com ar de desnorteio, dirigindo-se ao público:

Mas isso não tem sentido

Os outros dois bajuladores empurram o Violeiro e o ex-empregado:

*Dotô, é com a gente agora
O segurança ruim
E esse tal violerim
Tamo botando pra fora*

Os quatro saem de cena e a iluminação volta a se concentrar no político. Sozinho e sentado, ele comenta, em voz alta, dirigindo-se à plateia:

*Veja só que pretensão
Eu tenho que escutar
Mas vou sabendo lidar
É questão de opinião
Escutem o tempo passar
O povo a mim será grato
Lá se vai passando um ano
Dois anos... três anos... quatro...*

Enquanto ele termina, cada vez mais pausadamente, a iluminação o acompanha, diminuindo até se apagar, finalizando o ato.

A plateia soltou, então, o riso, não do deputado, mas, sim, do rapaz que fizera o papel do empregado demitido e aparecera, ao lado do palco, coçando a cabeça comicamente e, mesmo fora de cena, olhando incrédulo para o seu agora ex-patrão.



Mônica Lobo – ilustração

Segundo Ato

A iluminação volta lentamente, com cores mais vivas e dinâmicas, sincronizadas com uma bela música instrumental que, pouco a pouco, domina o ambiente. No palco, onde o político continuava em sua cadeira, apenas um pouco afastada, cinco moças com vestes diferentes, mas extremamente sensuais; algumas lhes delineando a silhueta e outras, revelando jovens e belas formas, iniciam uma coreografia, com certo mistério. A coreografia de gestos vai se transformando em dança, com alguns movimentos normais, e outros, em sua maioria, diferentes e criativos, carregados de misticismo e sensualidade, intensificando-se e acompanhando a evolução crescente do ritmo da música. Às vezes, elas se separam em movimentos independentes e, volta e meia, estão lado a lado, perfiladas, ou formam figuras geométricas, fazendo movimentos iguais e sincronizados. No auge da dança, assumem posições estáticas e diferentes, enquanto as luzes se apagam, encerrando o segundo ato. A plateia, embora pequena, aplaudiu de pé a apresentação e a ela tece elogios, comentando a sua preferência por uma ou outra dançarina.

Terceiro Ato

As luzes voltam a se acender e as dançarinas estão sentadas em um sofá. Duas estão sentadas nos braços do sofá e as outras, ao lado do político. Os dois empregados estão em pé, a certa distância.

O Político

Magnífico! Isto é coisa de cinema. Eu confesso que não sabia que existia tanta

beleza e competência artística em minha região. Mas vou me redimir, pois posso conseguir contatos e meios para vocês se apresentarem, inclusive, em capitais.

Uma dançarina

– O mais importante é que a coreografia é toda baseada na história da região do Araguaia.

O Político

– Fabuloso! Isso me deixa ainda mais orgulhoso e merece um brinde... Gervásio...

Ele acena para um dos empregados que, incontinenti, se retira, solícito, enquanto o político continua a fala.

– Eu notei que a dança é realmente autêntica. Exprime a beleza de nossa terra. Vocês poderiam me explicar o sentido.

O Político sorri, insinuante, e se acomoda mais no sofá, enquanto as bailarinas falam.

– O sentido é traduzir a história da região. Minha dança expressa principalmente gestos de um garimpeiro, como o movimento com a peneira e a catagem de pedras.

– A minha expressa de gestos de um pescador, como os movimentos de remar, jogar linha, fisgar, dobrar as barras da calça e entrar na água.

– A minha traduz gestos de um vaqueiro, como o movimento de laçar e a expressão de um berrante.

– A minha, de uma lavadeira, como bater roupa, esfregá-la e equilibrar a trouxa.

– E a minha representa uma mãe, com expressões simbólicas de um nascimento,

um parto e a criação.

O Político

– Mas que arte bem-criada! A música e as expressões são tão belas quanto vocês.

As bailarinas

– É concepção de um amigo nosso, que morreu há pouco tempo...

– O melhor violeiro de nossa cidade e região.

– O Zé Cantador. O senhor deve tê-lo conhecido...

O Político

– Claro que o conheci – diz o político disfarçando a surpresa. - Era meu primo e como lamento sua passagem! Um artista desse quilate, e, tão novo, é para nós uma grande perda.

Por um momento, ele abaixa a cabeça, como desolado, e, refazendo-se, continua:

– Mas eu já sei o que devemos fazer. Através de meu partido, nossa cidade vai homenageá-lo. Ele vai ser sempre reconhecido, tendo seu nome em uma praça.

O empregado demitido grita do meio da plateia:

– Mas quem entende esse sujeito?!

O empregado que continuava no palco aproxima-se e exclama:

– Grande ideia, patrão!

O empregado que saíra chegava agora trazendo uma bandeja repleta de taças e servindo as moças:

– Não pude ouvir, mas uma grande ideia sempre merece um brinde.

Volta, nesse momento, à cena, o empregado demitido que, agora, compenetrado, retira duas taças da bandeja e vem para a frente do palco e se dirige ao público. A bela música instrumental volta gradativamente. Ele ergue uma das taças e fala:

– *Brindemos a criação do homem, que, às vezes, não compreendida, desafia o seu tempo.*

Depois de um breve momento, ele ergue as duas taças e complementa:

– *Brindemos a criação de Deus, que criou mil lugares e coisas onde o procuramos e se escondeu, travesso, dentro de nós.*

Volta à cena o Violeiro, que recebe uma taça do empregado demitido e sugere, num gesto, um brinde à plateia.

Os demais atores se aproximam, simulam um brinde geral, dão-se as mãos e reverenciam a plateia, agradecendo, enquanto a iluminação vai diminuindo, com a música.

A plateia presente na Cantina aplaudiu longamente a representação. Lui recebeu os cumprimentos pela direção, assim como, também, foram felicitados todos os artistas amadores que haviam representado e que, momentos depois, juntavam-se a ele para comemorar a performance sem falhas.

De madrugada, no entanto, quando Lui chegou a seu quarto, não pôde disfarçar, para si mesmo, um imenso vazio que sentia na alma. A cultura que ele via predominar na cidade já não era aquela em que ele, verdadeiramente, acreditava. Sentia isso, também, pelo fato de perceber que a pequena plateia, de menos de setenta pessoas, que comparecera à peça, era formada pelos próprios amigos. Outra parte maior dos amigos preferira assistir a um comício, que, naquela mesma

noite, Tião fazia na cidade, para a sua campanha, agora de candidato a Deputado Federal. Com certeza, mais de 3 mil populares haviam ido. E ele sabia não se sentir assim pelo fato de os eventos envolverem ele e Tião, mas, sim, por concluir que os hábitos de seu povo realmente haviam mudado e seguiam, cada vez mais, o comando dos ardis do poder. “A isso, se pode chamar de cultura provocada” – concluía. Ele experimentava uma sensação quase de derrota, cansado de lutar por objetivos que não dependiam só dele. Tinha convicção, tinha a consciência tranquila, mas, não raramente, tornava-se um pouco amargo com os amigos, na cobrança de uma atitude ou posicionamento. Chegara realmente a uma situação de difícil solução, pois, como poderia cobrar os casos como o do amigo Zé Luiz, que, agora, passara a cantar nos comícios do poder e disso precisava para assistir à sua família em meio a esse tempo ruim? E o pior era que, às vezes, ele acabava fazendo cobranças, dizendo a Zé Luiz que não alimentasse o menosprezo à cultura do seu povo. Já se tornara comum ver na cidade clubes e outros empreendimentos que eram vendidos à população e depois não eram construídos. Promessas não cumpridas e os mais diversos jogos de interesses impregnavam no povo uma cultura de ironia, também alimentada pela rádio de Tião. E já era trivial se ver gracejos com o nome de alguém que fora enganado, mesmo sabendo-se que as coisas não andavam direito. O próprio Lui, às vezes, podia sentir que alguns amigos o olhavam um pouco como a um sonhador. Com essas imagens na cabeça, ele adormeceu pensando que a melhor solução talvez fosse, pelo menos por agora, se mudar de cidade. Apesar de já saber que a tristeza, como a euforia, quase sempre, esconde um pouco da razão.

No dia seguinte, para surpresa de Lui, Tião mandou um motorista buscá-lo, pois queria conversar. Tião soubera de outras representações da peça e o chamara, talvez como ato de campanha.

– Sinceramente, Lui, eu não consigo entender o porquê de toda essa

raiva que você sente por mim. Pelo que soube, o vilão dessa sua peça de teatro tem o meu nome.

– Isso não tira o seu caráter de ficção, apesar de trazer análises. Se você não sabe, o político e o violeiro são primos, na peça, o sobrenome é outro e você não tem nenhum primo violeiro.

– Mas essa estória de neto de pescador... eu me lembro...

– Tião, você deve compreender que eu não tenho e nunca tive raiva de você. Apenas você não percebe que estamos em lados opostos da história. Um querendo a evolução e o outro praticando a política da manutenção do sistema.

– Eu sei que você é uma pessoa de capacidade, Lui. Assim sendo, eu não entendo porque toda essa luta inglória, se você poderia estar do nosso lado. As coisas poderiam ser muito mais fáceis.

– Que eu me lembre, nunca deixei de atender a alguém que, a qualquer tempo, me chamasse para trabalhar pelo progresso da cidade. Inclusive, penso ter sempre trabalhado por ele.

– Eu não sei em que você acredita tanto. Será que você não vê que o tempo está passando, mudando, e que a tecnologia cada vez mais irá deixar muitas coisas para trás?

– Nesse ponto você tem razão, mas, por certo, nós discordamos quanto às coisas que vão ser deixadas para trás. A tecnologia, cada vez em maior escala, se tornará mais acessível para a maioria das pessoas, trazendo com ela as informações e os conhecimentos importantes, papel que, até agora, o nosso sistema de educação não conseguiu cumprir. Mais informação gera mais cultura e, com ela, a tendência é que aconteça aos poucos uma verdadeira renovação política. A tecnologia ajudará na arte e a valorizará ainda mais, criando novas concepções. Eu acredito que sempre haverá um artista criando, em cada área da arte, por meio

da própria tecnologia. Em concepção, um músico poderá musicar formas arquitetônicas, naturais, inventar sons nunca ouvidos. Você não vai mesmo entender que, nesse exato momento, eu poderia lhe dar a posição dos planetas, em sons de música... Eu acredito, Tião, que o artista deve olhar pelo tempo, e que o político também deveria.

– É – finalizou Tião –, a persistência é uma qualidade que não lhe pode ser negada. Mas não diga, um dia, que eu não lhe preveni.

Lui foi levado de volta à sua casa. À noite, conversara com Tales, que amadurecera sua ideia de se mudar, por uns tempos, para Cuiabá, onde poderia montar uma filial da empresa. Expostos os motivos, Tales o apoiou totalmente.

Em outubro, Lui se mudava para Cuiabá, Ênio conseguia se eleger para deputado estadual e Tião ganhava para deputado federal. Ele comprovava, também assim, que se tornara rico e poderoso.



Mônica Lobo – ilustração

EPÍLOGO

*Pra viajar no mundo eu me deito
É pra fazer meu leito que eu ando
Para reviver o feito, criando
E por andar o mundo em meu peito*

*Que é poeta sem jeito
E insiste em cantar caminhando
Deságua em te amar desandando
E anda como um rio, afeito*

*Às vezes corre impaciente,
Às vezes para, manso, profundo
Que é pra caber meu peito no mundo
E eu me tornar o teu afluente*

*Cair eterno neste segundo
Jorrar inteiro no teu abrigo
E te encontrar amante comigo
Fazendo amor no peito do mundo*

*Cair eterno no teu abrigo
Entrar inteiro nesse segundo
E te encontrar pra sempre comigo
Fazendo amor no peito do mundo*

*O encontro das águas:
Dois rios falaram do amor e da vida
Fizeram num abraço a partida
Pra procurar você, eu parti*

*No encontro das águas, dois rios
Falaram do amor e da vida
Fizeram num abraço a partida...
Coisas desses rios
Vão seguindo, vão seguindo...
Coisas desses rios
Nos chamando, nos chamando...
Na curva os rios
Vão sumindo... vão surgindo
Coisas desses rios
vão seguindo, vão seguindo...*

Clique e ouça a música **Afluente**



Lui fez essa música algum tempo depois de conhecer Ieda, morena clara de olhos levemente amendoados, cabelos de um castanho perfeitamente harmonizado com a expressão profunda dos olhos, rosto bem feito e comumente risonho. Na sua natureza alegre, ela sabia dosar determinação, energia e meiguice, virtudes que às vezes até o surpreendiam, mesmo agora, alguns anos depois de se casarem. Tinham um filho, Luan, de 4 anos, de quem às vezes Lui, entre uma brincadeira e outra, gostava de ficar imaginando as ideias que teria depois do ano 2000 que se aproximava. Ieda, com sua vitalidade contagiante, fizera renascer o entusiasmo que encontrou meio arrefecido em Lui. Ele via em Ieda uma mulher maravilhosa e, às vezes, não entendia a sorte que tivera, pois tinha sido ela que se aproximara dele, no início, e, praticamente, provocara o romance. Eles haviam resolvido viver intensamente o que sentiam um no outro e, assim, juntos, continuar a aprender com a vida e tirar o melhor dela. Ela dissera que, mesmo na

fase de afirmação dos dois, sentira que viveria com ele, e que queria, dessa forma, continuar, até quando os dois se completassem. E era justamente assim que se sentiam: cada vez mais completos.

A metade da década já havia sido ultrapassada e Lui alcançara um sucesso até além do esperado na empresa, auxiliado que fora pelo grande crescimento de Cuiabá.

Durante os últimos anos, ele apenas fizera viagens rápidas à Barra, pois levava uma completa vida social e cultural em Cuiabá. Tales, por sua vez, visitava, sempre rapidamente, a empresa, em Cuiabá, mas exercia sua atividade na matriz, em Barra. Nesse ano, a pedido de Ieda, Lui se programava para passarem lá todo o mês de julho.

Por meio de Tales, Lui ficara sabendo que, finalmente, com a ajuda da entidade ecológica, através de um deputado, a serra se transformara em área de reserva ecológica, o Parque Estadual da Serra Azul, por força de lei. Soubera que, já uma vez, as prefeituras tinham se unido na organização da Temporada de Praia. Soubera da construção de um anfiteatro municipal.

A tecnologia trazia computadores e programas com preços cada vez mais acessíveis, surgira a Internet e a gravação dos músicos independentes se tornava cada vez mais fácil com possibilidades cada vez maiores de acesso à tecnologia.

Lui via o Brasil finalmente dando mostras de começar a mudar. Cada vez mais a imprensa conseguia provas de corrupção e enriquecimento ilícito de políticos, abraçando, assim, o seu sentido de veículo democrático. Vários deles já tinham tido seus mandatos cassados e a isso, nem um presidente conseguira escapar. Justamente um candidato que os artistas nacionais não queriam e não apoiaram. Mesmo em Barra, um prefeito já tivera o seu mandato cassado pela Câmara.

Esses fatos, um a um, funcionavam como um bálsamo para Lui. Eles lhe mostravam que estivera realmente certo na história e que não lutara em vão. Aquele pouco de bem-estar civil que começava a sentir agora, de certa forma compensava a fase terrível que passara quando deixara sua cidade e que só foi se atenuando com o apoio de Ieda.

Lui, porém, não sentira qualquer felicidade quando, uma semana antes da viagem, ele viu no noticiário da TV a reportagem sobre a cassação do mandato do deputado Sebastião Pontes. Ele havia se reelegido e, por várias irregularidades investigadas e apuradas, estava sujeito, agora, inclusive, ao confisco dos bens.

Ênio, que agora também já era deputado federal, por certo, tinha participado da votação, pensou Lui. No fundo, ele se sentiu triste por Tião, seu amigo de infância, e recordou várias passagens.

No início de julho ele pisava na praia pela primeira vez com sua mulher e seu filho. Tales os acompanhava com sua namorada. Encontraram amigos, conversaram animadamente em uma das muitas barracas e mais tarde, foram ver os shows no palco central da praia. Alguns momentos depois, Lui não pôde deixar de se emocionar quando um dos artistas da terra que ele havia conhecido no Encontro de 1987, cantou “Quarto Crescente”, a música que, ali mesmo, Lui fizera, tantos julhos atrás, e que agora, era cantada pela maioria do público presente ao show. Lui, então, prometeu aos amigos preparar uma música para o dia seguinte. Pouco depois, ele pediu licença e se afastou para a beira do rio. Lá chegando, notou que um bonito adolescente, moreno, de olhos claros e cabelos revoltos, o acompanhara.

– Foi você mesmo que fez aquela música? – perguntou o adolescente, com viva curiosidade.

Lui assentiu com a cabeça, observando-o melhor. Ele tinha uma expressão inteligente, quase angelical.

– Pra quem você fez?

Lui ainda estava emocionado e não resistiu ao responder:

– Pra vocês... pra você...

O rapaz sorriu para ele e foi nadar no rio. Um sorriso expressivo e belo, que se repetiu com um pouco de cumplicidade quando ele estava nadando. Um sorriso de menino que, por breve tempo, encarna, como alegria, os mistérios da vida.

Lui ficou ali, por um instante, e voltou para o meio do público do show. Mais tarde, no pôr do sol, enquanto revia e matava a saudade de outros amigos e amigas, Lui vira o mesmo adolescente brincando animadamente com Ieda e Luan, nas proximidades do rio. Momentos depois, ele já não estava lá e Lui não mais o veria durante aquele mês.

Voltaram para a casa de Tales e, mais à noite, foram na Cantina, agora ainda maior. Lá, entre outros amigos, ele se encontrou com Ênio, que viera de Brasília para o fim de semana. Ênio contou a Lui que, pouco a pouco, aumentava sua influência no partido e que, agora, com o bom rumo que o país tomava, valer-se-ia muito das experiências políticas anteriores. Contou, também, detalhes sobre o problema de Tião.

Um conhecido em comum os interrompeu no assunto e, coincidentemente, veio falar a Lui que Tião soubera de sua estada na cidade e convidava-o para ir à sua casa, na manhã de domingo. Chegando em casa, Lui ainda ficou um bom tempo escrevendo e tocando seu violão.

No outro dia, pela manhã, Lui chegava à casa de Tião. Era uma casa muito bonita, de três andares, e ficava numa parte bem alta da cidade. Tinha decoração moderna e luxuosa. Tião apresentou-lhes sua mulher e o filho de 7 anos. Meia hora depois, Ieda já conversava com ela, na sua espontaneidade habitual, enquanto olhavam, por perto, as

brincadeiras dos filhos, no quintal. Tião e Lui haviam subido para o terraço, de onde podia se ver grande parte da cidade, e conversavam. Tião agora deixava transparecer uma expressão abatida, emocionada, que não disfarçava a mágoa, que lhe dava um aspecto bem mais velho que a sua verdadeira idade.

– Pelo menos agora, talvez, eu possa ter tempo de parar de correr, de viver mais a vida, conversar com parentes e velhos amigos. Mas, olhe e veja se eu mereço isso! – apontava diversas obras que fizera ou trouxera e que dali podiam ser vistas – Repare naquela praça; – indicava – aquele punhado de gente está fazendo manifestação de apoio à minha cassação. O mesmo povo por quem eu tanto trabalhei... garanto que lá tem gente conhecida, que me deve favores...

– Eles apenas seguem a influência da mídia, Tião. Você sabe que o caso saiu muitas vezes na televisão – Lui ponderou, sensibilizado pela mágoa verdadeira que o amigo sentia.

– São uns falsos, mal-agraçados – esbravejou Tião. – Apesar de todas as nossas polêmicas, eu consigo confiar, agora, muito mais em você que neles. Logo você, um obcecado por cultura! – Tião esboçou uma mistura de sorriso e trejeito de aversão.

– Nossas polêmicas começaram na infância – Lui riu, incentivando-o. – Mas independentemente de você confiar em mim, eu vou dizer o que penso. Primeiro: o mais importante é que você tem uma família bonita e saudável. Segundo: mesmo que lhe confisquem muitos bens, você ainda será um homem de condição financeira privilegiada. Terceiro: eu acho que, agora, você deve se dar um pouco de tempo, como me falou, analisando tudo com calma, isenção e autocrítica. Depois disso, você verá a melhor saída com clareza, pois ainda é novo e influente, podendo ajudar em muitas coisas, se assim quiser.

– Pra você, falar sempre foi fácil, Lui.

– Você se lembra da polêmica do pé-na-lata? – Lui perguntou, sorrindo.
– Dois dias depois, a sua raiva já havia passado! Quem sabe, refletindo, você não descubra algum detalhe com o qual se esqueceu de contar, em todo esse tempo, e se satisfaça em descobri-lo por conta própria.

No fundo, Lui acreditava saber desse detalhe, mas reconhecia que essa conclusão era de instância absolutamente pessoal.

– Não posso lhe adiantar nada. Ainda esta semana, me reunirei com meus advogados para tomar uma decisão. De qualquer forma, agradeço-lhe pela gentileza da visita. Ah, a sua família também é muito bonita...

Depois do almoço, Lui, família e amigos foram para a praia. Ele se ausentou da turma por uma meia hora, aproveitando para entrar no Araguaia pela primeira vez com Luan e Ieda. Conduzindo o filho, Lui tentava imaginar como ele estaria vendo o rio e a serra. Ele ria e se debatia muito, espalhando água para todos os lados. Lui se divertia pensando que, pelo menos em barulho, o batismo de Luan no Araguaia ganhara do seu. Ao mesmo tempo, em seu espírito, rezava por ele. Ieda se mantinha brincalhona e, entre excitada e atenciosa, parecia entender o que se passava na cabeça de Lui. Ele percebia que não existiam mais as incontáveis e tranquilas piabinhas que, na sua infância, faziam-lhe cócegas, insistindo em tentar beliscar seus pés, em festivos cercos. Ele costumava conversar com algumas delas, que pegava por um instante, fazendo uma concha de água na palma da mão. Trazido de volta do tempo pelas risadas de Luan, concluiu que, juntos, ele, Ieda e Luan, poderiam tentar cuidar ainda mais do rio.

À tardinha, no palco, depois de outros artistas, Lui participava dos shows e cantava sua nova música:

*Quem há de calar a voz dos filhos do Vale?
Quem há de parar o sol pelos ares
Se as sementes têm a chuva do rei
e a Rainha leva os rios pros mares*

*Quem há de tirar o sol dos filhos do Vale?
Se pra tempo e vida a mão é pequena
Se enquanto tentam rios matar
Surgem ruas novas da piracema*

*Quem há de cantar o tempo que vem
Tem no sangue a voz que o planeta tem
Crê no gemido dos partos
Ouve os sussurros dos quartos
Sonhos que a rainha tem
Canta com o cantar das águas
Tira sonhos das suas mágoas
E é filho de rei também*

*Quem há de calar a voz dos filhos do Vale?
Piracema, água, terra e cio?
Quem há de fazer que o canto se cale
Enquanto houver vida, rei, reino e rio*

Clique e ouça a música **Ruas Novas**



Para aproveitarem o pôr do sol, os amigos improvisaram um brinde em homenagem a Lui, Ieda e Luan, na barraca de Celso, relembrando as saideiras dos velhos tempos. Em meio à alegria, Lui falou para Tales

que agora se sentia preparado para voltar a morar em sua cidade, caso Tales tivesse alguma vontade de passar uns tempos na capital. Ele falou para o amigo que se sentia preparado para continuar a luta. Afinal, se haviam conseguido viabilizar condições para cuidar da serra, restava colocar isso em prática e também lutar para cuidar do rio. E, pelo olhar do amigo, notou que ele achara essa uma boa ideia.

À noite, Ieda falara a Lui de sua admiração pela grandeza e alegria das amizades que tinha.

– Mas também já passamos momentos muito ruins – observou Lui. – Ainda bem que você está vivendo esse tempo bom comigo, pois eu não sei como, às vezes, você me aguentava no começo, quando eu estava tão mal.

Tomando seu rosto carinhosamente entre as mãos, Ieda falou:

– Eu sempre soube que aqui dentro morava alguém muito forte.

Lui ficou surpreso, pois não contara a Ieda a história do Rio e Serra com detalhes. Ele lembrou que, um dia, Naira lhe dissera a mesma coisa, com o mesmo gesto, e em tom de brincadeira, perguntou.

– Será que a senhora, certa vez, não mandou um bilhete, através de um velho pescador, para alguém abandonado na praia?

– Se esse bilhete falasse de romance, de rio e de serra, quem sabe... – respondeu Ieda, sorrindo.

E, entre um beijo e outro, Lui jurou que também já vira, muito tempo atrás, aquele olhar meio maroto, meio carente.

Seremos assim

Romance de Rio e Serra

Eu pra ti e tu pra mim

FIM

NOTA DO AUTOR

Pensamos ser oportuno esclarecer que esta obra não traduz uma autobiografia. A intenção foi, simplesmente, a de se criar uma estória que registrasse palavras, locais, figuras típicas, crenças e contrastes da história da região, usando personagens fictícios, fugindo do ufanismo ao expor qualidades e defeitos, cujos méritos devem ser de livre opinião do leitor.

A ficção, no entanto, quando tem o objetivo cultural, sempre acaba falando de coisas do país e do mundo, através de fatos e criações de uma região. Assim, como não poderia deixar de ser, ela pousa algumas vezes em fatos cronologicamente reais. Dentre outros, gostaríamos de ressaltar dois deles. Primeiro, a Lei nº 6.439 de 31/05/84, aprovada pela Assembleia Legislativa do Estado de Mato Grosso que, com base em levantamentos e esforços do Centro Etnoecológico do Vale do Araguaia (Celva), criou oficialmente o Parque Estadual da Serra Azul. Finalmente, retornando ao ano de 1987, o Encontro Ecológico Musical do Vale do Araguaia, por certo um dos maiores encontros culturais já ocorridos no Centro-Oeste brasileiro, a cujos participantes e amigos, a seguir, também dedico este livro:

Ruy Bastos Freire Filho (Organização SP)

Dionísio Carlos de Oliveira (Organização Celva MT)

Guilherme Carrano (Organização Celva MT)

José Sebastião Pinheiro (Jornalista GO)

Prof. Aldair Ayres (UFMT)

Dep. Humberto Bosaipo MT (Lei 6.439)

Jesus (Organização MT)

Fábio Feldman (Deputado Constituinte SP)

Handal Marques (Jornalista SP)

Gilson (Jornalista TO)

Luisinho (Lagoa do Nado MG)

José de Arimateia (Dep. Est. MT)

Hermeto Didonet

Aldo Arantes
Kasuho Sano
Sebastião Carlos
Raimundo Urébété (Tribo Xavante)
Severiá (Tribo Karajá)
Paulo Bororo (Tribo Bororo)
Lucia Rodrigues
Ciro Gomes de Freitas (Unieco MT)
Franklin Pereira (Unieco MT)
Paulo Batista (Jornalista MT)
Wanderlei Vasconcelos (Jornalista MT)
Mara Gil (Bióloga UFMT)
Alex
Domingos Godoy (UFMT)
Ana (OIKOS SP)
Paulo Emílio (Imprensa MT)
Teodoro Irigaray
Rejande
Hélio Fernando
Helder
Paulo César Lima

Músicos e Cantores(as)

Almir Sater (MS)
Alzira Espíndola (MS)
Zé Gomes (SP)
Titane (MG)
Adriângelo Antunes (MT)
Gilberto Correia (GO)
Carrapa do Cavaco (DF)
Elson Araújo (GO)
Pedro Ortale (MS)
Eudes Roberto (MT)
Du Oliveira (GO)
Toninho Porto (MS)
Candinho (MT)
Zé Antonio (GO)
Amauri Lobo (MT)
Job Menezes (MT)
Luiz Capilé (MT)
Adelson Júnior (GO)
Walter Carvalho (GO)
Amauri Garcia (GO)

Marden Arbués (MT)
Laércio Correntina (BA)
Ozimar Holanda (GO)
Horton Macedo (GO)
Bené Fonteles (MT)
Beto Setor (MT)
Ronaldo Muniz (MT)
Marcos Mendes (MS)
Marcos Morgado (GO)
Beirão (DF)
Itamar Correia (GO)
Júlio Pimental (GO)
Pedro das Gordas [ou das Cordas?] (MT)
Tezinho (MT)
Nilo Bevilacqua (MT)
Goteira (SP)
Romualdo Bá (MT)
Daphnnnys Júnior (MT)
Davis Lima (GO)
Stoppa (SP)
Masofi (GO)
Marcelo (SP)
Luiz Augusto (GO)
Dartagnan (GO)
Emídio (GO)

Artes Plásticas

Adir Sodré (MT)
Jean Jacques Vidal (SP)
Mônica Lobo (MT)
Paulé (GO)
Gerson Nascimento (MT)
Mário Olímpio (MT)

Capoeira

Reinaldo Suassuna (BA)
Tourinho (SP)
Jaguar (MT)
Charme (GO)
Deputado (GO)
Onça Negra (GO)

D*ivino Arbués*, escritor, cantor e compositor de Mato Grosso, mais precisamente na região do Araguaia, tornou-se conhecido, a princípio, com músicas que foram consagradas em seus discos, como *Quarto Crescente* (que originou o nome de uma das mais frequentadas praias do Araguaia), *Cor da Noite*, *Natureza*, *Afluente/Encontros das Águas*.



Sua carreira artística nasceu nos Festivais da Canção do Centro Oeste, onde já se destacava sua vocação literária com inúmeras premiações obtidas na categoria de melhor letra. Chegou ao Pixingão, no Rio de Janeiro como destaque de show regional apresentado no Projeto Pixinguinha, em Mato Grosso, na década de 80, com o grupo Araguaia.

Depois disso, apresentou-se em programas nacionais como Rolando Boldrin, TV Bandeirantes, no Teatro da USP e Teatro Sesc Pompéia em SP, em shows em Brasília (Sala Funarte e UNB), Goiânia (Teatro Goiânia e Faculdades), em Cuiabá (Casa da Cultura e Teatro Universitário), Festivais de Inverno de Chapada dos Guimarães e Araguaia, em São Paulo, selecionado pelo projeto Talentus, além de shows pelo interior brasileiro.

Iniciou sua atuação como escritor com a publicação, em 1997, do livro “Rio e Serra” onde coloca, em forma de ficção, várias de suas composições musicais em função da construção de um romance com rico registro dos falares e fazeres regionais e de suas figuras típicas pioneiras como o garimpeiro e o pescador.

Além de atuar esporadicamente com artigos em jornais de sua região e de algumas capitais, Arbués foi organizador do livro “Compêndio da Cultura Popular de Barra do Garças”, lançado em 2007 pelo Ponto de Cultura Núcleo Baé, com vasto material de pesquisa e registro da cultura.

Concomitantemente a essa história, desenvolveu vigoroso trabalho pela divulgação da cultura da região Araguaia em outras partes do país, tendo atuado como membro do Conselho de Cultura de Mato Grosso, como agente e gestor cultural e, ainda, como artista em encontros, seminários e eventos para estudo e desenvolvimento da cultura do país.

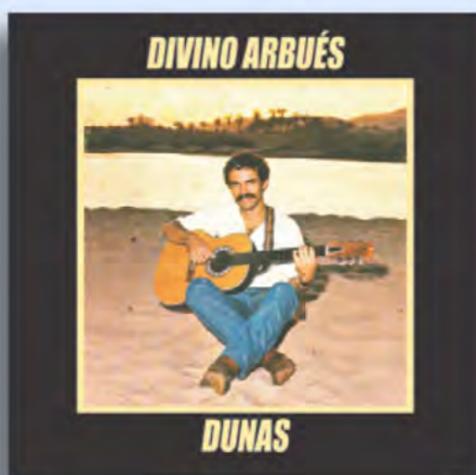
Discografia



Quarto Crescente (1982)

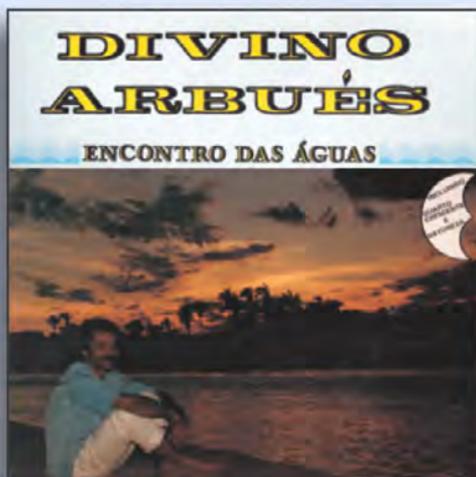
Compacto duplo

Quarto Crescente (Divino Arbués)
Nós (Divino Arbués)
Última Prece (Divino Arbués)
Passarinho do Sertão (Divino Arbués)



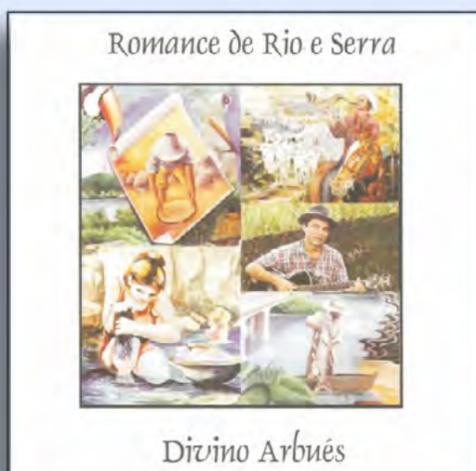
Dunas (1984)

Lenda (Divino Arbués)
Dunas (Divino Arbués)
Natureza (Divino Arbués)
Enchentes (Divino Arbués)



Encontro das Águas - LP (1987)

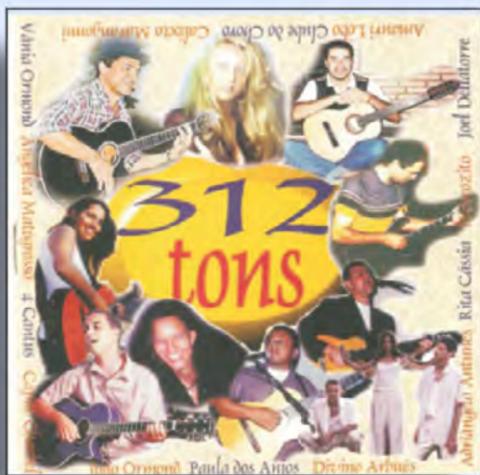
Crianças Crescidas (Divino Arbués)
Se Não Entende o Amor (Divino Arbués/Elson Araújo)
Afluente/Encontro das Águas (Divino Arbués)
Part. Almir Sater e Alzira Espíndola
Peixinha (Divino Arbués) *part. Gilberto Corrêia*
Descendo o Araguaia (D. Arbués) *part. Elson Araújo*
Cor da Noite (Marden Arbués/Divino Arbués)
Pantan (Antônio Carlos Lima/Magno)
Quarto Crescente (Divino Arbués) *part. Candinho*
Natureza (Divino Arbués)
Raízes (Divino Arbués)



Romance de Rio e Serra CD (1998)

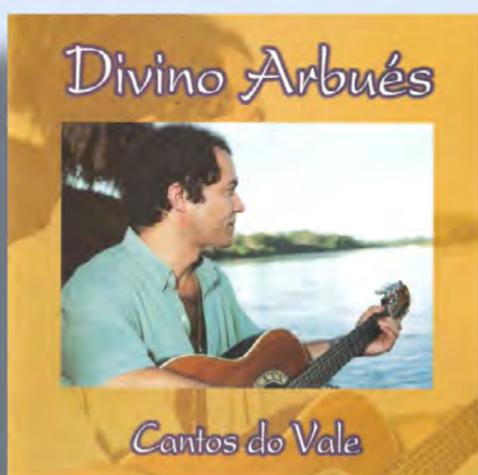
Remanso (Adriângelo Antunes)
Estrela Morena (Divino Arbués)
Ruas Novas (Divino Arbués)
Berrantes e Bois (Divino Arbués)
Diamantes (Divino Arbués)
Terra dos Guimarães (Capilé/D. Arbués/Adriângelo)
Pilares (Divino Arbués)
Roncador-Xingu (Divino Arbués)
Terra Prometida (Eudes Roberto)
Folia de Santos Reis (Tradição Popular)
Crianças Crescidas (Divino Arbués)
Berlindas (Divino Arbués)
Vinheta Folia (Tradição Popular)

Discografia



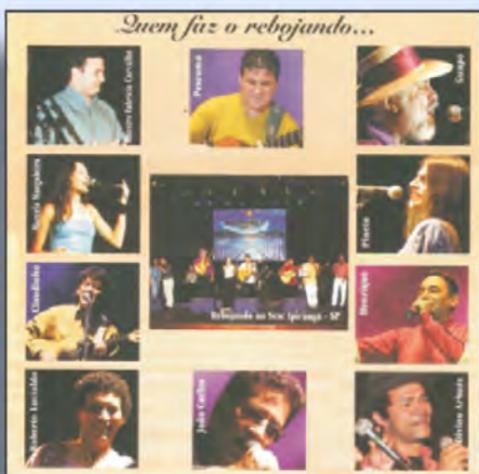
Coletânea 312 Tons CD (1999)

Afluyente (*Divino Arbués*) Faixa 3,
Part. João Ormond, Joel Delatorre e Adriângelo
Cantador (*Divino Arbués/Marden Arbués*) Faixa 12



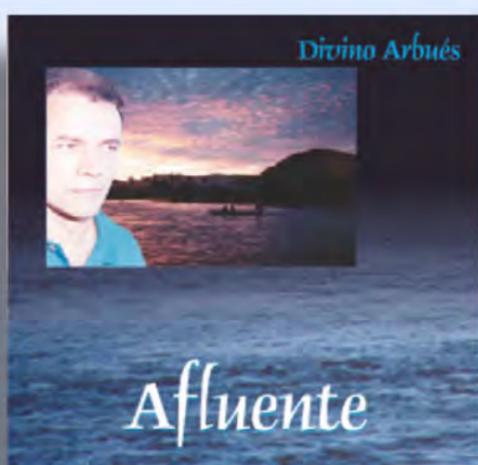
Cantos do Vale – CD (2001)

Beijo Brasileiro (*Divino Arbués*)
Aracor (*Marcos Stopa*)
Quintais (*Divino Arbués*)
Abdução (*Divino Arbués*)
Flor do Cerrado (*Divino Arbués/João Ormond*)
Quarto Crescente (*Divino Arbués*)
Gerânios (*Divino Arbués*)
Estrada do Mar (*Divino Arbués*)
Mentira Morena (*Horton Macedo/Carlos Brandão*)
Noite em Cuiabá (*Divino Arbués*)
Bem Se Vê (*Divino Arbués*)
Vinheta Cantos do Vale (*Joana/Orlando/Divino Arbués*)



Rebojando - CD (2002)

O Rio Araguaia (*Divino Arbués*), Faixa 8



Afluyente - CD (2003)

Quarto Crescente (*Divino Arbués*)
Enchentes (*Divino Arbués*)
Passarinho do Sertão (*Divino Arbués*)
O Rio Araguaia (*Divino Arbués*)
Zelo (*Divino Arbués/Beto Seror*)
Afluyente (*Divino Arbués*)
Cor da Noite (*Marden Arbués/Divino Arbués*)
Natureza (*Divino Arbués*)
Pantan (*Antônio Carlos/Magno*)
Peixinha (*Divino Arbués*)
Descendo o Araguaia (*Divino Arbués - Instrumental*)
Nós (*Divino Arbués*)
Se Não Entende o Amor (*Divino Arbués/Elson Araújo*)
Crianças Crescidas (*Divino Arbués*)

Discografia



Viagens — CD (2014)

Sorte (*Divino Arbués*)
Viagens (*Divino Arbués / João Ormond*)
Te ver por aqui (*Divino Arbués / João Ormond*)
Passarinho do sertão (*Divino Arbués*)
A primeira chuva (*Divino Arbués*)
Dunas (*Divino Arbués*)
Pedra preciosa (*Divino Arbués / João Ormond*)
Só mais essa vez (*Divino Arbués*)
Nós (*Divino Arbués*)
Imensidão (*Divino Arbués*)
Portas trancadas (*Divino Arbués*)
Gerânios (*Divino Arbués*)
Vôo do tempo (*Marden/Divino Arbués*)

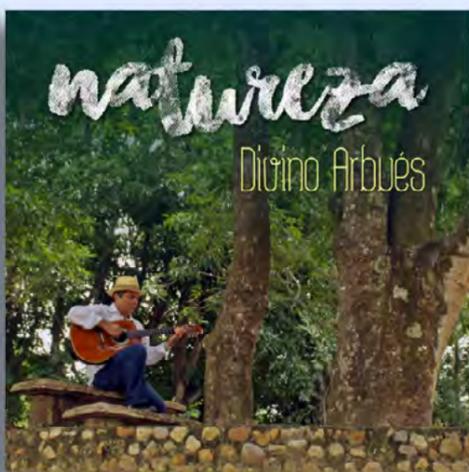
[CLIQUE PARA OUVIR](#)



Quarto Crescente – SINGLE (2020)

Quarto Crescente (*Divino Arbués*)

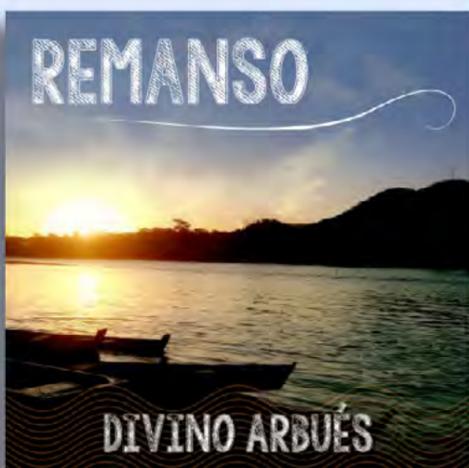
[CLIQUE PARA OUVIR](#)



Natureza — EP (2020)

Natureza (*Divino Arbués*)
Afluente (*Divino Arbués*)
O Rio Araguaia (*Divino Arbués*)
Peixinha (*Divino Arbués*)
Zelo (*Divino Arbués/Beto Seror*)

[CLIQUE PARA OUVIR](#)

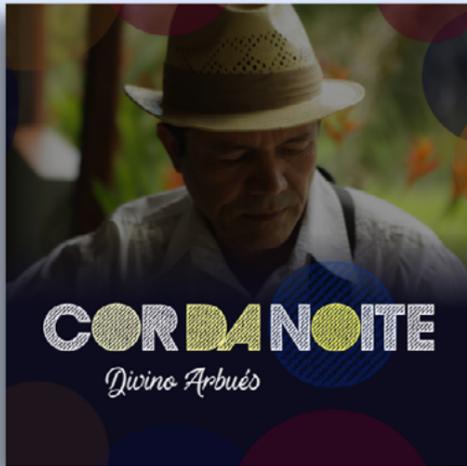


Remanso — EP (2020)

Remanso (*Adriângelo Antunes/Beto Seror*)
Terra dos Guimarães (*Capilé/Divino Arbués/Adriângelo Antunes*)
Estrela Morena (*Divino Arbués*)
Enchentes (*Divino Arbués*)
Terra Prometida (*Eudes Roberto*)
Se Não Entende o Amor (*Divino Arbués/Elson Araújo*)

[CLIQUE PARA OUVIR](#)

Discografia



Cor da Noite – SINGLE (2020)

Cor da Noite (Marden Arbués/Divino Arbués)

[CLIQUE PARA OUVIR](#)

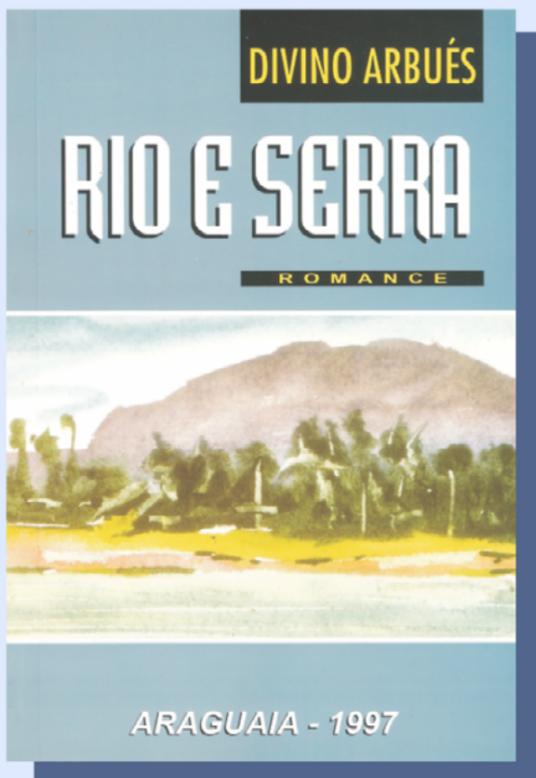


Cantos do Mato — Álbum (2021)

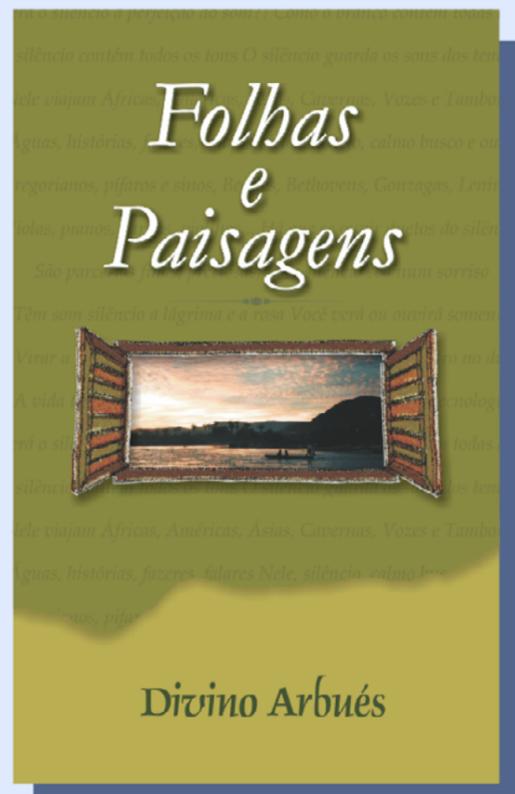
Barca dos Amores (Divino Arbués /João Ormond)
Flor do Cerrado (Divino Arbués /João Ormond)
Te ver por Aqui (Divino Arbués /João Ormond)
Pedra Preciosa (Divino Arbués /João Ormond)
O Castelo (Divino Arbués /João Ormond)
Nunca é tarde pra Brilhar (Divino Arbués /João Ormond)
Você no meu Mundo (Divino Arbués /João Ormond)
Saudade Faceira (Divino Arbués /João Ormond)
Quadrante (Divino Arbués /João Ormond)
Quando o Xote Começou (Divino Arbués /João Ormond)

[CLIQUE PARA OUVIR](#)

Livros



Rio e Serra (1997)
(Autoria)



Folhas e Paisagens (2010)
(Autoria)

CLIQUE NO LINK PARA IR PARA A PÁGINA:



Youtube: [Divino Arbués Oficial](#)



facebook.com/divino.arbues



Fanpage: facebook.com/divino.arbues.com.br



instagram.com/divinoarbues



divinoarbues.blogspot.com



www.divino.arbues.com.br



darbues@uol.com.br